



Luciano Victor Barros Maluly  
Rafael Duarte Oliveira Venancio  
(organizadores)

# A noite e a Internet

O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?

**cje**  
JORNALISMO E EDITORAÇÃO

**eca USP**  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



## **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez



## **ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli



## **DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

Chefe: Prof. Dr. André Chaves de Melo Silva

Vice-chefe: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Luciano Victor Barros Maluly  
Rafael Duarte Oliveira Venancio  
(organizadores)

# **A noite e a Internet**

O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?

DOI: 10.11606/9786588640067

**cje**  
JORNALISMO E EDITORAÇÃO

**eca USP**  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Outubro de 2020



*As ideias expressas em cada texto são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor e não refletem as ideias dos organizadores. Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais e respeitando a Licença Creative Commons indicada.*

## Sinopse

Ebook realizado na disciplina CJE0599 – Projetos em Jornalismo Digital, turma do período noturno do 2º semestre de 2020, do curso de Jornalismo da ECA-USP unindo crônicas, ensaios, contos e peças de teatro que refletem a pertinência da obra teatral *A noite*, de José Saramago, na reflexão das práticas do jornalismo digital no Brasil atual.

**ISBN:** 978-65-88640-06-7

**DOI:** 10.11606/9786588640067

**Catálogo na Publicação**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

N784

A noite e a internet [recurso eletrônico] : o que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital? / organização Luciano Victor Barros Maluly, Rafael Duarte Oliveira Venancio. – São Paulo: ECA-USP, 2020.  
143 p.

ISBN 978-65-88640-06-7  
DOI 10.11606/9786588640067

1. Jornalismo digital. 2. Ensaio literário e Literatura - Crítica e interpretação - Brasil. 3. A noite (peça teatral). 4. Saramago, José. I. Maluly, Luciano Victor Barros. II. Venancio, Rafael Duarte Oliveira.

CDD 21. ed. – 070.0285

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

## **Sumário**

### **Apresentação**

Luciano Victor Barros Maluly .....6

### **Teatro e Jornalismo no storytelling de Saramago**

Rafael Duarte Oliveira Venancio .....9

### **Os conceitos jornalísticos em um panorama de revolução**

Gabriel Corrêa Cillo .....16

### **Temos o poder e ele pode ecoar**

Karina Merli .....26

### **O poder nas relações entre jornalistas e público: a atualidade refletida em “A noite” de José Saramago**

Marina Faleiro Caiado.....34

### **Sondado pelo fascismo**

Tainah Ramos de Oliveira Cardoso .....43

### **“A tarde”**

Samantha do Prado Gonçalves Pinto .....53

### **Para onde vão os Torres quando saem da Redação?**

Hugo Vaz França Reis.....74

### **Os valentes em um mundo digital**

Mariana da Rocha Cotrim .....82

### **O imediatismo instaurado no ato de noticiar**

Tiago Sameshima de Medeiros..... 94

### **Moral Baixa**

Mayumi Yamasaki .....105

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

***Qualquer semelhança com personagens da vida real e seus ditos e feitos é pura coincidência... Evidentemente***  
Mariana Amaral Arrudas.....114

**O lado do sem lado**  
Barbara Cavalcanti de Andrade.....123

**Parem as Threads das Redes Sociais!**  
Pedro Ezequiel Barros dos Santos Carvalho .....133

## **Apresentação**

### **Luciano Victor Barros Maluly**

Meus problemas de visão começaram a aparecer aos trinta e poucos anos. A imagem que eu tinha do mundo já era outra e, assim, descobri o reverso da história. Se de um lado, aqueles novos pensamentos revelavam o porvir, de outro, meu corpo rejeitava os óculos em virtude da constante dor de cabeça.

Resolvi, então, fazer uma cirurgia para corrigir a miopia. Procurei um recomendado oftalmologista que, depois de vários exames, agendou data e horário para o procedimento dali a 15 dias.

A ansiedade veio com a espera e comecei a pesquisar e a conversar com amigos e parentes que já haviam passado pela experiência oftalmológica. Ouvi de tudo, de sucesso a dramas pessoais. Como consequência, esses relatos trouxeram o medo de “viver no escuro”.

Minha amiga Sheila Mattar foi fundamental naquele momento, porque já havia sido operada, com sucesso, pelo mesmo médico. Percebendo meu pânico,

ela me convidou para ir ao cinema em uma terça-feira dessas sem rumo em São Paulo.

Nos encontramos no antigo Espaço Unibanco de Cinema (atual Itaú) para assistirmos ao documentário *Janela da Alma*, com direção de João Jardim e Walter Carvalho (2001), que contava com a participação de várias personalidades com "problemas de visão", como Agnès Varda, Hermeto Pascoal, João Ubaldo Ribeiro, Marieta Severo, Manoel de Barros, Wim Wenders, entre outras.

Um desses depoimentos foi tocante e revelou o atalho promissor para uma nova etapa que estava por surgir em minha vida, como pessoa e, especialmente, como jornalista. Enquanto o autor de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), José Saramago, refletia sobre as pessoas e seus conflitos, percebi que o medo de me submeter à cirurgia havia sumido em meio à penumbra da sala.



MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

Quase 20 anos depois, recebi, para minha grata surpresa, o convite do professor e jornalista Rafael Duarte Oliveira Venancio para colaborar na organização de um livro-ensaio sobre a obra *A noite* (1979). O trabalho foi desenvolvido em parceria com os alunos do curso de jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Logo, apresentamos esta nossa jornada de apetrechos literários que deseja, simplesmente, pregar-lhe uma peça, no estilo português, ou seja, como um fado para se ouvir (no nosso caso, ler) em silêncio. E o melhor, às cegas, e sem conclusões precipitadas.

*Luciano Victor Barros Maluly é doutor em Ciências da Comunicação e professor livre-docente, ambos na Escola de Comunicação e Artes na Universidade de São Paulo*

## **Teatro e Jornalismo no storytelling de Saramago**

Rafael Duarte Oliveira Venancio

Devo confessar que José Saramago sempre me intrigou. E, a cada dia que envelheço, ele me intriga mais e mais.

Quando adolescente, lá no início dos anos 2000, sempre admirei Nelson Rodrigues. Ele me parecia o exemplo máximo daquilo que “eu queria ser quando crescesse”.

Nelson Rodrigues era jornalista e dramaturgo. Escrevia sobre futebol e cinema. Fazia peças de teatro com uma profundidade ímpar. Era polêmico e polemizador.

Devo confessar que saber que existiu um Nelson Rodrigues na imprensa brasileira me deu coragem em decidir em cursar jornalismo. Na verdade, sejamos justos, ele e José Roberto Torero.

No entanto, houve um problema no meio do caminho.

Não, não só eu descobri que, para muitos, o jornalismo é tudo, menos o que o cronista Nelson fazia...

Surgiu José Saramago.

Claro que quando José Saramago ganhou o Nobel de Literatura, o primeiro e único de um escritor em língua portuguesa, eu tinha 11 anos de idade e mal sabia o que eu queria fazer da vida. Para vocês terem uma ideia, eu lia Nelson Rodrigues, pela primeira vez, aos 15 anos de idade.

Sim, se eu fosse fazer que nem Roberto Fontanarrosa e dividir a minha vida em Copas do Mundo, Nelson Rodrigues era o Penta em 2002 quando Saramago acontecia para mim lá no fracasso de 1998.

Lembro-me, bem criança, de perguntar para meu avô sobre quem era Saramago. Afinal, eu tinha visto um exemplar de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* em sua estante.

Meu avô respondeu com um típico grunido dizendo que era um autor complicado, polêmico a la Paulo Coelho, e que eu deveria ler Milan Kundera ou Malba Tahan, não o português laureado com o Nobel.

No entanto, Saramago iria, pouco a pouco, aparecendo na minha vida.

Não só pelos filmes que vi sobre ele.

Não só pelo clima intelectual da USP, onde fiz meu bacharelado, mestrado, doutorado e, agora recente, meu pós-doutorado.

Mas porque Saramago é próximo de mim. É um dos meus (ou melhor dizendo, eu seria um dos dele).

Não só por ser um escritor em português com um quê transcendental lusitano.

Não só por ser um fã incondicional de Fernando Pessoa.

Não só por buscar polêmicas.

Eu sou um dos “Saramagos” porque eu acredito na missão do escritor – ou do contador de histórias (*storyteller*), tal como eu gosto de me ver – calcado exatamente naquilo que o fez ganhar o Nobel. Ou seja, para mim, ser escritor significa escrever “com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia” e “tornar constantemente compreensível uma realidade fugidia”.

Essas foram as palavras do diploma do Nobel de Saramago, sintetizando-o.

Isso é algo que eu, ao meu jeito, tento também fazer. Mesmo que ainda sendo um pouco Nelson Rodrigues...

E foi nesse meu caminhar que eu encontrei *A Noite*. Bom, primeiro me surpreendi que Saramago era dramaturgo também. Segundo que sua peça de estreia era sobre sua atividade como jornalista. Terceiro que a peça era uma peça de ficção histórica que ajudava a refletir sobre processos e meios de vida em seu tempo através da ficção (ou, tal como eu gosto de dizer “Contar a História através de estórias<sup>1</sup>).

Acreditei que as reflexões sobre *A Noite* não deveriam parar em mim ou na minha atividade como dramaturgo e resolvi trazê-las para a sala de aula.

---

<sup>1</sup> Sobre isso há o meu artigo, base teórica do pós-doutorado que desenvolvi na ECA-USP entre fev/2019 e ago/2020, intitulado “Contando História através de Estória: Processo estoricizante e o storytelling como forma alternativa de transmissão de fatos históricos” publicado na revista *Alterjor* em julho de 2020. Link: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/171040>

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

Dentro do contexto das aulas virtuais por causa da pandemia da COVID-19, fui convidado para ser conferencista da disciplina CJE0599 – Projetos em Jornalismo Digital, turma do período noturno do 2º semestre de 2020, do curso de Jornalismo da ECA-USP.

Um dos debates que tivemos através do Google Meet foi sobre a circulação da notícia no meio digital. Apresentei *A Noite* como forma de exemplificar como isso era feito há quase 50 anos, no contexto da Revolução dos Cravos.

E, após isso, surgiu a avaliação que proporcionou a edição deste livro. Foi oferecido o seguinte enunciado aos alunos:

**A partir da leitura de “A noite” de José Saramago, faça uma crônica/ensaio/reimaginação (conto ou diálogo teatral) para responder UMA das quatro perguntas:**

**1) Como seria a redação hoje na noite de uma revolução em comparação com “A noite”?**

**2) Há mais poder de decisão da “redação” hoje com os meios digitais em relação ao passado**

**quando se tinha dependência dos “gráficos” tal como posto em “A noite”?**

**3) Qual é o poder de influência de governantes hoje e em comparação com os eventos narrados em “A noite”?**

**4) Qual é o lugar do público em “A noite” e sua comparação com o público dos meios digitais atuais?**

Logo, a seguir sob a forma de capítulos, encontraremos as respostas dos alunos e alunas que optaram em dividir suas reflexões com o grande público através deste ebook. Repostas instigadoras que representam pontos de vista de jovens que desejam ser jornalistas instigadas pela leitura do único Prêmio Nobel de Literatura de cultura lusófona que era um jornalista que nem eles.

Desta maneira, enquanto conferencista convidado para ministrar a disciplina, acredito que fiz jus ao storytelling proposto por Saramago.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

E, o mais importante, concordando ou não com as opiniões de meus alunos, incentivei eles o exercício da liberdade de expressão e reflexão, alma que move e sempre deverá mover a nossa esfera pública.

*Rafael Duarte Oliveira Venancio é escritor, dramaturgo, professor universitário, jornalista, cartunista e filmmaker. É Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Cumpriu entre 2019 e 2020, o estágio de pós-doutorado em Ficção e Dramaturgia Radiofônica na própria USP. No 2º semestre de 2020, foi o conferencista convidado da disciplina CJE0599 – Projetos em Jornalismo Digital, turma do período noturno do 2º semestre de 2020, do curso de Jornalismo da ECA-USP*



## **Os conceitos jornalísticos em um panorama de revolução**

**Gabriel Corrêa Cillo**

A peça teatral “A noite” escrita pelo português José Saramago apresenta uma redação de jornal e sua dinâmica para fechar mais uma edição do mesmo, ilustrando como funciona a interação entre os diversos cargos que existem na área, como de redator, jornalista, fotógrafo, chefe de redação, entre outros, além do papel fundamental do dono do jornal na peça. Nesse sentido, há o contexto histórico da Revolução dos Cravos, de 1974, que circunda a trama como pano de fundo. Entretanto, a peça é apenas uma obra com função estética de ficção, não tendo o desejo de ser fonte para documentação histórica dos acontecimentos.

Posto isto, evidentemente, a liberdade de imprensa nesta redação de jornal não é conceito respeitado, visto o regime salazarista, de origem fascista, vigente. Por isso, há um dualismo de forças; entre as personagens que estão alinhadas com a ideologia do governo, representadas por Valadares, Diretor (Máximo

Redondo) e Administrador, e os que são contrários ao regime, representadas por Torres, Cláudia, Jerónimo, Damião e Afonso.

Em paralelo com o contexto atual, é extremamente semelhante a forma como redações de jornais lidam até hoje com questões ideológicas, tendo funcionários que apresentam visões e opiniões díspares dentro da mesma mídia. Perante esse contexto, há um controle da autonomia de publicação dos jornalistas na peça “A noite”, mas um controle velado, semelhante em muitos aspectos a perspectiva atual, não considerando o princípio básico de interesse público das informações.

*“As línguas andam demasiado soltas, isso é verdade, mas por enquanto a política é travá-las, não é cortá-las”. (SARAMAGO, p.14, 1979)*

No excerto, extraído da obra de Saramago, o Diretor aconselha Valadares uma forma mais sofisticada de censura, situação que contempla o Brasil atual em muitos aspectos. Afinal, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 garante um Estado democrático, com ampla liberdade de imprensa. No entanto, o atual governo de Jair Messias Bolsonaro não

fornece todas as condições mínimas para atuação plena da imprensa nacional. O presidente não manda a polícia matar, não censura as reportagens, ou qualquer outra ação característica de governos autoritários. Contudo, flerta a todo tempo com elas, disseminando discurso de ódio, xingando jornalista, espalhando fake news, incentivando a violência contra os meios de comunicação, não dando as condições mínimas para o fazer jornalístico, e legitimando ações truculentas de violência e quebra de direitos civis. Por isso, de forma indireta apoia preceitos autoritários e antidemocráticos, semelhante ao salazarismo do livro “A noite”.

### **O conflito de interesses**

Durante um momento delicado politicamente, como foi a Revolução dos Cravos (1974), há sempre que considerar que tem alguém ganhando, mas também temos alguém perdendo num contexto político e socioeconômico.

*“Mas o diretor... Se o senhor tivesse a certeza, mesmo a certeza, sem nenhuma dúvida, de que o golpe servia aos seus interesses, já tinha os jornalistas todas*

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

*na rua, já estariam a preparar uma grande reportagem, se calhar até teriam sido avisados com antecipação, para que o jornal fizesse uma boa cobertura”. (SARAMAGO, p.46, 1979)*

*“Os anunciantes... Já pensou nos anunciantes? O prejuízo material, a falta de garantia moral... Como administrador, sou obrigado a preocupar-me com estas coisas rasteiras, o anúncio, o mercado... Aconteça o que acontecer, amanhã é dia de vender muito papel. Vamos perder a oportunidade?”. (SARAMAGO, p.48, 1979)*

Os trechos acima demonstram o evidente conflito de interesses existente no jornal. O primeiro, Jerónimo confronta o Diretor (Máximo Redondo) sobre os motivos pelos quais há ponderação na cobertura dos acontecimentos daquela noite, não se baseando em preceitos jornalísticos relevantes, como o interesse público, mas sim o interesse próprio, que contamina sua capacidade de avaliar as pautas que são relevantes.

No segundo, na fala do administrador do jornal, é flagrante como o interesse mercadológico interfere diretamente na liberdade jornalística. A situação retratada de venda do jornal, do contrato e interesse dos

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

anunciantes, é ainda mais presente nos dias atuais, considerando o sistema capitalista atual. A grande mídia vende espaços nos jornais, revistas, rádio e televisão para empresas que tem o interesse em anunciar no seu veículo. Não devemos ser levianos em apontar má-fé proposital em ações dos veículos só por conta dos seus contratos com empresas e anunciantes, porém deve sempre se questionar o conflito de interesses presente.

Pense em um jornalista esportivo que se associa com uma marca esportiva, com contrato firmado, sendo capitalizado por essa marca, como ele vai ter isenção para criticar atletas ou instituições que são relacionadas de alguma forma com essa marca esportiva. Há uma perda evidente da isonomia nos discursos e análises desse profissional da imprensa, mesmo que de forma não intencional.

### **Conceitos de indústria cultural no jornalismo**

O conceito de indústria cultural, elaborado por Max Horkheimer e Theodor Adorno, e apresentado na obra “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” (1947), sintetizou e explicou o

modo de fazer cultura, como é sua produção e consumo, que passaram a seguir uma lógica industrial, com ideais capitalistas. Os dois pensadores, membros da Escola de Frankfurt, iniciam seus escritos comentando como a arte foi sendo degenerada pelo capital.

Traçando um paralelo com o jornalismo, a indústria cultural é uma teoria que é aplicada também na mídia, visto que os veículos de comunicação são detentores do canal de emissão da informação, podem ser entendidos como parte integrante do reduzido nicho de pessoas que controlam a sociedade. E a informação que pauta as reportagens têm influência direta da cultura que está inserida.

O conceito apresentado pode ser encontrado no livro “A noite”, no qual o Diretor (Máximo Redondo) tem contato direto com as esferas de poder do governo salazarista. Atualmente, no Brasil, os donos dos meios de comunicação que representam a grande mídia também flertam com políticos, ou influenciam diretamente na formação de opinião da população sobre os governantes.

O caso da família Marinho, e a Rede Globo, é o exemplo mais conhecido, com papel fundamental na

formação de opinião do brasileiro. Como no passado, se envolvendo com os chefes de estado da ditadura militar. Em um recorte contemporâneo, o Jornal Nacional, e seu discurso, foi decisivo para o olhar do brasileiro do Partido dos Trabalhadores (PT) e a operação “Lava Jato”, a derrubada de Dilma Rousseff, e hoje no governo de Jair Messias Bolsonaro.

### **A relação de confiança com a fonte**

Durante uma revolução, ainda mais como aconteceu em 1974 em Lisboa, na calada da noite, as informações são sigilosas e de difícil acesso. No caso da obra de Saramago, todos os envolvidos na redação não tem informações precisas sobre o que está acontecendo, sendo até pegos de surpresa com a derrubada do regime salazarista.

*“Fonseca, Guimarães, Cardoso, telefonem aí para os outros jornais, averiguem o que se passa. O quartel-general, a polícia, a guarda, investiguem, investiguem... Liguem para o SNI, acordem os ministros...” (SARAMAGO, p.34, 1979)*

Mesmo com a velocidade e facilidade de informações atuais, uma ação extrema como uma revolução é feita de maneira extremamente sigilosa, não sendo encontrada em qualquer página do Twitter ou grupo de WhatsApp. Por isso, ainda hoje um jornalista tem que ter uma gama diversificada de fontes seguras, construindo uma relação de confiança, para ter uma informação embasada. O processo de conquista da fonte, da sedução, demanda tempo e paciência, garantindo toda segurança, ainda mais num contexto tão violento e sangrento de uma revolução.

*“Senhor general, desculpe a hora tardia, o abuso... É Valadares, Abílio Valadares... Sabe quem fala? Sim, sim, do jornal... Como está? Acordei-o, claro? Não? Ainda bem, ainda bem... (Baixa a voz) Chegou-me a notícia de que há movimentos de tropas”.* (SARAMAGO, p.35, 1979)

O trecho acima retrata como Valadares, chefe de redação, que apoia o regime, tem que entrar em contato com suas fontes dentro do governo para saber sobre as movimentações internas. E como até sendo uma relação de confiança não há total conquista do general, não



obtendo nada sobre o que acontecia nas ruas. Hoje em dia a negociação e a conquista de personalidades como a do general é semelhante, extremamente delicada e dificultosa.

### **As diferenças ideológicas entre jornalistas**

Todo veículo de respeito tem uma linha editorial pré-definida, que segue certos conceitos ideológicos, políticos e socioeconômicos. Nesse sentido, muitos acham que uma redação de jornal apresenta um congruência de pensamentos entre todos os jornalistas e funcionários presentes. Contudo, não é o que acontece, os jornalistas apresentam convicções próprias e diferentes dentro de um mesmo veículo, como acontece na obra “A noite”.

Na obra, há três grupos bem definidos, o que quer a derrubada do salazarismo, representado por Torres, o que apoia o regime, representado pelo Administrador, e os que são considerados alienados, representado por Pinto.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

Atualmente, nas redações brasileiras acontece o mesmo, dentro de uma mesma redação trabalham jornalistas com opiniões díspares, ainda mais do que o famoso esquerda e direita, e os chamados “isentões”. E tomadas de decisões contra um governo ditatorial, ou até que flerta com o autoritarismo, são diferentes, de acordo com o que cada um acredita, ainda mais em um caso tão extremo como uma revolução.

### **Referências**

SARAMAGO, J. *A noite*. Lisboa: Ed/ Caminho, 1979.

## **Temos o poder e ele pode ecoar**

**Karina Merli**

O quanto as nossas vidas mudam ao longo dos anos? Me arrisco a dizer que isso depende. Afinal, existem questões que pouco se alteram, enquanto outras ficam irreconhecíveis; tente comparar cidades pequenas do interior com grandes metrópoles e entenderá essa reflexão. Também me arriscaria a dizer que isso varia. Um exemplo é o envelhecimento. Há pessoas que aparentam mais idade, outras, que foram mergulhadas no formol.

Se usar como objeto de análise a tecnologia da informação, isso ficaria mais dinâmico. Afinal, em mais de 40 anos é possível citar o surgimento do celular, da internet, o computador, dos notebooks, das redes sociais, do wi-fi, do bluetooth, dentre tantos outros. Isso democratizou — e muito — não apenas o acesso, mas a proliferação da informação.

Em meio a tudo isso, o jornalismo passou a exercer um papel de caráter opinativo e investigativo, no qual mesmo que a informação chegue pela publicação de

um estudante no Twitter, o jornalista tem como missão verificar se aquilo é verdade. Porém, qual foi o impacto dentro das redações dessa “democratização”? Ela trouxe o mesmo poder para todos os seus trabalhadores da imprensa?

### **“A noite” de outros tempos**

Na peça teatral de José Saramago, “A noite”, o fundo da obra é histórica. De acordo com Amorim-Mesquita (2011, p. 131), “é um texto teatral que tem como ambientação cênica-contextual o evento histórico ocorrido na noite de 25 de abril de 1974, em Portugal”. O evento ao qual a autora se refere é a Revolução dos Cravos, que colocou fim nos 48 anos de ditadura e 13 anos de guerra nos países africanos, explorados pela colonização portuguesa.

Para dar voz ao passado, o autor usa como cenário uma redação de jornal, onde mostra a dinâmica da censura na imprensa durante o período. Saramago também expõe as relações de hierarquia e suas variações. Naquele ambiente, há uma divisão entre Máximo Redondo (diretor), Valadares (chefe de redação) e os

demais trabalhadores, quando é deflagrada a revolução. Anteriormente, nota-se essa diferença política de forma mais tímida, em que Manuel Torres (redator da província), Cláudia (estagiária) e Jerónimo (chefe da tipografia) se mostram claramente contrários ao regimes.

Além disso, é possível notar o contato com o Coronel Miranda, responsável por definir o que o jornal poderia publicar e que, claro, não ferisse o governo e as suas ideologias. Nada muito diferente do que o Brasil dos tempos da ditadura civil-militar. Valares, que é autoritário com os seus subordinados, é um exemplo de submissão ao ouvir as instruções do membro do exército por telefone

Na obra de Saramago, com o fim da ditadura, a oficina de tipografia se rebela, já que o diretor e o chefe de redação não sabem como agir. Assim, é possível interpretar que os trabalhadores do jornal seriam a população, enquanto a sua direção e chefia, o governo ditador.

## **Redações dos tempos de hoje**

Como foi supracitado, a tecnologia da informação ofereceu muitas melhorias e, assim, o meio jornalístico também passou a usá-las. Nos anos de 1990, esse advento trouxe à tona o jornalismo digital que, de acordo com a professora Mirna Tonus da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em entrevista à própria instituição (2020), “é como qualquer jornalismo, mas ele envolve processos, produtos e plataformas digitais. Ele tem suas especificidades, claro, mas o que o diferencia do jornalismo tradicional é que ele se dá por meios digitais.”

Os veículos de imprensa aos poucos viram o número de exemplares vendidos caírem, ao mesmo tempo, notaram o potencial que a *web* tem a oferecer. Outro ponto que vem sendo cada vez mais explorado é o das redes sociais. Dessa forma, a transmissão de uma notícia passou por mudanças. Pedro Vinícius, em texto disponibilizado no Medium, afirma que:

*“A atividade jornalística nas redes sociais tende a atender o público majoritário das plataformas e se moldam ao mesmo tempo que a notícia é compartilhada,*

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

*obedecendo a uma linguagem mais objetiva e aproveitando os recursos que a internet possibilita. Em consequência disso, elementos como a hipertextualidade e a interatividade são amplamente utilizados.”*  
(VINÍCIUS; PEDRO, 2019)

Ora, se a peça teatral do escritor português se passasse nos dias de hoje, o profissional que cruzasse os braços exigindo um posicionamento por parte do seu veículo de imprensa provavelmente não teria o mesmo impacto que o tipógrafo do século passado. O acesso à tecnologia é cada vez mais amplo, ao ponto de tornar as pessoas cada vez mais independentes. Soma-se a isso, a precarização do trabalho jornalístico, em que horas seguidas de trabalho resultam em salários ainda insuficientes perto de tamanha dedicação.

Em contrapartida, ao analisarmos o fato de que o chefe de redação sugeriu até não publicar o jornal, o cenário já muda. Nos meios digitais, a informação transcende, e, certamente, por se tratar de um assunto de interesse público seria um escândalo para entrar para a história.

## **Poder cibernético**

Na introdução deste ensaio, questioneei a respeito do quanto essas mudanças digitais proporcionariam voz ativa e capacidade de decisão aos jornalistas e demais profissionais da imprensa. Por um lado, há a facilidade de postar qualquer conteúdo, a qualquer hora e lugar. Por outro, os postos de trabalhos desse segmento usam o dizer popular “se você não quiser, tem quem queira”.

Ao analisar a situação mais de perto é evidente que isso pode variar de acordo com as circunstâncias, como a linha editorial, a política do veículo e o fato noticioso. Há o risco de que determinada informação chegue a outro jornal e, mais, que a tentativa de censurar a publicação seja revelada. Isso gera uma pressão. E, mesmo que não funcione, o risco de ser revelado é permanente.

Assim, é possível inferir de que o poder de decisão é igual. Mas a capacidade de se tornar algo estratosférico é bem maior nos nossos atuais tempos de instantaneidade, graças aos meios digitais. Como explica Rasêra (2010): “o meio digital propicia a viabilização de produzir e distribuir conteúdo multimídia de forma



MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

rápida e precisa a fim de possibilitar a interatividade, despertando o interesse e a participação do público.” E, finalizo esse texto me arriscando mais uma vez: a tendência é que essa rapidez e precisão sejam cada vez maiores.

### **Referências bibliográficas**

AMORIM-MESQUITA, ISABELLE REGINA de. “A Noite”, de José Saramago: Uma Revisitação da História Pelo Viés da Ficção Dramática. Revista Memento, 2011.

ANGELO, TIAGO. Dia da Liberdade: Portugal celebra os 45 anos da Revolução dos Cravos. Brasil de Fato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/25/dia-da-liberdade-portugal-celebra-os-45-anos-da-revolucao-dos-cravos>>.

BIOGRAFIA. José Saramago. Portal da Literatura. Disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=58>>.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

MARQUES, Amanda. ‘O papel essencial do jornalista é apurar’. Comunica.ufu.br, 2020. Disponível em: <<http://www.comunica.ufu.br/noticia/2020/04/o-papel-essencial-do-jornalista-e-apurar>>.

RASÊRA, MARCELLA. Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. Ícone, 2010.

SARAMAGO, JOSÉ. A noite. Lisboa: Editorial Caminho, 1979.

SOUSA, RAINER GONÇALVES. Revolução dos Cravos. História do Mundo. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm>

<https://www.dw.com/pt-br/1974-revolu%C3%A7%C3%A3o-dos-cravos-em-portugal/a-505506>>.

VINÍCIUS, Pedro. Como o jornalismo se adapta às redes sociais?. Medium, 2019. Disponível em: <<https://medium.com/petcomufam/como-o-jornalismo-se-adapta-%C3%A0s-redes-sociais-fl1ebed6c90d6>>.

## **O poder nas relações entre jornalistas e público: a atualidade refletida em “A noite” de José Saramago**

Marina Faleiro Caiado

Jornalismo não é escrever, mas escrever para que outras pessoas leiam. Informar é o verdadeiro ofício do jornalista, e não apenas escrever. Assim, o maior compromisso do jornalista, em teoria, é sempre com seu público. O jornalista trabalha para as pessoas, e não deve medir esforços para lhes dizer sempre a verdade, mesmo que isso não agrade a alguém, alguma empresa ou até mesmo ao governo. Afinal, “Jornalismo é tudo aquilo de que o governo não gosta.” (CUNHA, 2011).

A peça “A noite”, de José Saramago, traz inúmeras reflexões sobre o lugar do público dentro do jornalismo. A história se passa em um importante jornal de Lisboa na noite que antecede o fim do Estado Novo português, regime autoritário também conhecido como Salazarismo, que durou entre 1933 e 1974. Os trabalhadores do jornal estão quase fechando a edição

daquele dia quando ouvem boatos de que acontecerá um golpe para derrubar o governo atual. Os chefes do jornal, que apoiam o governo, não sabem se informam as pessoas sobre essa revolução ou como fazê-lo sem desagradar o órgão de censura do governo ou os anunciantes do jornal. Porém, os chefes encontram resistência por parte de alguns dos trabalhadores, incluindo os responsáveis pela tipografia, que se recusam a rodar o jornal sem a notícia sobre a revolução, da qual o público precisa saber.

Em muitos momentos de conflito entre trabalhadores a favor e contra o governo autoritário aparece a questão do compromisso entre o jornalista e seu público em conflito com os interesses particulares do jornal, como neste trecho da fala de Torres em que ele discute com Valadares, chefe da redação:

*O dono do dinheiro é sempre o dono do poder, mesmo quando não aparece na primeira fila como tal. Quem tem poder, tem a informação que defenderá os interesses do dinheiro que esse poder serve. A informação que nós atiramos para cima do leitor*

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

*desorientado é aquela que, em cada momento, melhor convém aos donos do dinheiro. (...) A quem tudo isso deveria ser explicado, não era a você, era a toda essa gente que anda na rua, que compra o jornal e o lê, e acaba por acreditar mais no que ele diz, do que naquilo que seus próprios olhos vêem. (SARAMAGO, 1998, p.126).*

O fragmento mostra o quão corrompido está o jornal retratado na peça, que obviamente passa por um processo explícito de censura em um momento delicado da história de Portugal, mas é interessante perceber como essas questões são atuais e acontecem ainda hoje, de maneira mais sutil.

Saindo um pouco de Portugal e pensando mais no Brasil, mesmo no mundo digital muitos jornais ainda são extremamente dependentes de publicidade, por exemplo, e precisam tomar cuidado com os conteúdos que publicam. Outros veículos distorcem informações, imagens e gráficos para defender seus interesses políticos velados, que sempre aparecem apesar da “neutralidade”

do jornalismo brasileiro. Mesmos problemas, endereços e datas diferentes.

Outro tema que aparece na obra de Saramago são as notícias falsas, ainda no diálogo entre Torres e Valadares: “E notícias falsas, quantas circulam no mundo? Quem as inventa? Com que objectivos? Quem produz a mentira e a transforma em alimento de primeira necessidade?” (SARAMAGO, 1998, p.125).

A última frase desse trecho, sobretudo, é muito interessante, pois fala sobre a mentira como uma necessidade das pessoas. O público precisa e quer acreditar em algo, mesmo que não seja verdade ou mesmo que seja apenas uma das muitas verdades possíveis. As pessoas querem acreditar nos jornais como querem acreditar em Deus, pois é reconfortante saber que existe algo ou alguém que sabe mais e pode dizer a verdade a elas. É por isso que preferem acreditar mais no que o jornal diz do que em seus próprios olhos.

É claro que, em 1974, era mais difícil verificar se uma notícia era ou não verdadeira, já que o jornal era um dos principais veículos de comunicação e o acesso às informações não era tão fácil como era com a internet.

Talvez essa seja uma pequena diferença, mas embora a internet tenha dado um poder maior às pessoas sobre as informações que consomem, muitas vezes as pessoas acreditam em notícias falsas não porque não podem verificar se aquilo é verdadeiro, mas porque essas notícias mostram uma realidade confortável.

Em parte, sim, o público está à mercê dos jornalistas, dos interesses particulares dos jornais e do governo, mas também está à mercê de seus próprios interesses e convicções. Nos cercamos constantemente apenas de opiniões que se parecem com as nossas, ou, simplesmente, preferimos acreditar na opinião de alguém e não pensar muito sobre o assunto.

O público quer muito acreditar cegamente no compromisso que o jornalismo tem para com ele, tanto que se agarra a qualquer coisa que se pareça com o jornalismo, como as notícias falsas. Quem ganha com isso são os políticos, as empresas, os jornais sensacionalistas e os ricos que ficam cada vez mais ricos. Informação é poder. O conhecimento pode levar a sociedade a pensar, entender seus problemas e buscar soluções para eles e transformar a realidade. Assim como

o jornalismo verdadeiro pode dar mais poder às pessoas, ajudando-as a enxergar várias verdades, as sombras do jornalismo podem concentrar esse poder para si, prendendo as pessoas em suas respectivas bolhas de verdades confortáveis, que é exatamente o que elas querem, mas não o que precisam.

Por isso, é importante que existam líderes dispostos a sair de suas zonas de conforto e usar seus poderes para fazer com que o jornalismo cumpra seu papel, mesmo que isso signifique sacrificar alguns de seus interesses pessoais. Em “A noite”, esses líderes são representados pelos trabalhadores da tipografia, Torres e até mesmo a estagiária do jornal, Cláudia.

É muito inspirador ver pessoas que não ocupam os maiores cargos do jornal tomando a liderança e batendo de frente com os chefes, mesmo que possam ser demitidos. No final da peça, esses poderes “menores” vencem, o que também nos faz refletir que a ideia de poder é algo muito subjetivo. Será mesmo que os maiores poderes do jornal eram o diretor, o administrador e o chefe de redação? De que valem esses cargos quando a



impressão do jornal é definida pelos responsáveis pela tipografia?

Embora o poder seja, muitas vezes, pensado como algo centralizado, ele está quase sempre diluído. Foucault enxerga que o poder na contemporaneidade dominada pelo capitalismo industrial liberal não encontra-se mais centralizado, em um rei ou um líder absoluto, mas em diversas instituições além do Estado, como escola, igreja, trabalho e família. Assim, o poder também está diluído nas relações de trabalho e até mesmo na relação entre jornal e público.

O jornal tem poder porque o público lhe dá esse poder, na forma de confiança e dinheiro, comprando o jornal todos os dias. O jornal, em troca, devolve o poder para o povo em forma de conhecimento. Se o jornal retém o poder do povo para si e o controla, a relação deixa de ser equilibrada e harmoniosa. Basta um atrito, uma verdade libertada, um líder disposto a sair da zona de conforto e sacudir as lideranças, e esse poder se dissipa, voltando mais uma vez para o povo. Porém, cabe a cada pessoa decidir se quer usar esse poder ou entregá-lo de

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

volta ao jornal, voltando para a confortável e ilusória bolha de realidade criada anteriormente.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Luiz Cláudio. **Todos temos que lembrar**. Observatório da Imprensa. [S.l.] 2013. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/todos-temos-que-lembrar/>>. Acesso em: 11 de set. de 2020.

SARAMAGO, José. **A noite**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

## **Sondado pelo fascismo**

Tainah Ramos de Oliveira Cardoso

Ao mesmo tempo que todos falam, ninguém fala e ninguém escuta. Uma colega de turma em uma disciplina sobre opinião pública comentou que a mãe havia lido “Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã”, de Yuval Harari, e com uma reflexão havia chegado à seguinte frase: “A censura atual não nos veta a informação. A censura atual nos inunda de desinformação”.

Tal como os jornais portugueses, submetidos à censura do governo fascista por 41 anos – até a Revolução dos Cravos, em 1974 –, o público dos meios digitais de nossos dias se encontra em semelhança à “toda essa gente que anda na rua, que compra o jornal e o lê, e acaba por acreditar mais no que ele diz do que naquilo que os seus próprios olhos vêem” (SARAMAGO, 1980).

Por mais que o monopólio da informação tenha saído das mãos do jornalismo tradicional, é uma falácia acreditar que o debate público, a democracia e a participação política tenham sido ampliados. O que temos são grandes bolhas – acentuadas pelo papel dos

algoritmos, que faz nossas visões de mundo serem cada vez mais polarizadas pelo viés de confirmação –, manipulações de massa e múltiplas ferramentas a serviço dos donos do poder. Esse poder político e econômico agora não mais censura os jornais para impedir que a informação de interesse público chegue ao cidadão, mas cria sua própria notícia – muitas vezes falsas ou com meias verdades. Assim, estabelece-se um cenário de disputas narrativas com os jornalistas.

A citação acima à peça “A Noite”, de José Saramago, traz algumas reflexões sobre o termo de “pós-verdade”, porque mostra como o meio acaba sendo tão ou mais importante que a mensagem. Nas eleições brasileiras de 2018, o então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, é entrevistado pelo Jornal Nacional e mostra o que seria o “kit gay” a ser distribuído nas escolas. Apesar da clara mentira, confirmada posteriormente pelas agências de checagem de fatos, os entrevistadores não ousaram desmenti-lo. O resultado se mostrou eficaz. Matéria publicada no jornal Congresso em Foco, no dia 1º de novembro de 2018, apontava que “84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no kit gay”, segundo a pesquisa IDEIA Big Data/Avaaz. Esses

eleitores acreditavam na palavra de Bolsonaro de que o seu adversário no segundo turno, Fernando Haddad (PT) teria distribuído esses kits nas escolas quando era ministro da Educação, de 2005 a 2012. Durante esses anos em que Haddad foi ministro, ninguém nunca viu um “kit gay”, o que nos leva à referência de Saramago.

Se a plateia, como alegoria do povo português, estava com a janela fechada, sem acesso à “verdade tão clara e tão bem escondida” (SARAMAGO, 1980), o público dos meios digitais atuais também estão com o acesso à verdade ou às verdades vedado, agora pelo excesso de informação. Se em uma ditadura, há a dificuldade de acesso à informação de interesse público, nos nossos dias, o acesso é simples, mas a confiabilidade dos dados se torna escassa. Desse modo, o público segue refém dos donos do poder.

As reações ao isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19, as reações ao movimento Black Lives Matter, a xenofobia, as falsas atribuições a articulações antifascistas pelo mundo e os movimentos antivacina revelam a face mais cruel de uma manipulação de massa, que agora se dá pelas redes sociais. O que

pensamos e sobre o que pensamos ficam presos aos Trending Topics do Twitter, aos perfis que o algoritmo seleciona no feed do Instagram, às mensagens encaminhadas que recebemos de amigos e parentes pelo WhatsApp.

As décadas que separam o abril de 74 e o ano de 2020 ainda trazem um dos maiores mitos jornalísticos, que fez com que a atividade caísse em descrédito perante o público: o da imparcialidade.

*Não torne a cantar-me as loas da objectividade, e da neutralidade, que é outra palavra que você usa muito. Digo-lhe eu que não há objectividade. Digo-lhe eu que não há neutralidade. Quantos acontecimentos importantes para o mundo se dão diariamente no mundo? Provavelmente milhões! Quantos deles são seleccionados, quantos passam pelo crivo que os transforma em notícias? (..) Quem tem o poder, tem a informação que defenderá os interesses do dinheiro que esse poder serve. A informação que nós atiramos para cima do leitor desorientado é aquela que, em cada momento, melhor convém aos donos do dinheiro. (SARAMAGO, 1980, p. 125-126).*

Não apenas a imparcialidade é uma posição em xeque, como as diversas versões da verdade. Se no cenário de “A noite” Saramago aponta que já existiam meias informações atiradas ao leitor desorientado, tal condição foi acentuada pelas mídias sociais, como uma metástase. Segundo uma pesquisa do Media Lab, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as notícias verdadeiras.

Esses estarrecedores dados trazem outra realidade sobre a estrutura da internet: fake news é um negócio extremamente lucrativo.

Uma explicação econômica relacionada à causa de notícias falsas diz respeito aos custos de produção mais baixos de informações falsas em comparação a notícias reais (ZIMDARS, 2016). As notícias são, em outras palavras, difíceis de ser interrompidas porque estão vinculadas a baixos custos de produção e alto potencial de receita, motivando continuamente novas saídas, sendo, em si, verossímeis frente aos públicos para os quais são dirigidas, muitas vezes porque são recebidas



a partir da ótica da pós-verdade. (FARIAS, CARDOSO, NASSAR, 2019, p. 219).

As notícias criadas para desorientar são, além de tudo, controversas, com objetivo de despertar sentimentos no público. Em entrevista à Agência Pública, o jornalista e professor da King's College London, Martin Moore, afirmou que “as redes sociais são melhores para provocar respostas comportamentais nas pessoas, mais do que a reflexão e o convencimento”. Autor do livro *Democracy hacked: how technology is destabilizing global politics*, Moore aponta que os meios digitais não favoreceu as pessoas que seguem as tradições democráticas, senão as que buscam “respostas imediatas, emocionais”.

Desse modo, as redes sociais, além de manterem a manipulação de massa e serem utilizadas como veículo político, não ampliaram as esferas de debate público, como se imaginava, e também não aumentaram a participação política. O público segue tão confuso e desorientado quanto na peça “A noite”, agora não mais porque a informação lhe é vedada, mas sim porque há

excesso dela e, não obstante, excesso de desinformação, como a mãe de uma colega tão bem colocou.

A informação de qualidade segue escassa e negada ao cidadão, que é induzido ao erro, ao engano, até que sinta na pele a necessidade de contestar, como em Portugal de 1974. As forças populares se somaram à queda do regime, porque seus pais, irmãos e tios estavam servindo na África. Sentimentos, sensações e descontentamentos que o jornalismo chapa branca não consegue captar.

Os cotidianos ataques à liberdade de imprensa, o desmatamento na Amazônia, as queimadas no Pantanal, a inércia governamental no combate à Covid-19 no Brasil e as frequentes violações de direitos humanos contra os povos indígenas não foram medidos pelo editorial do jornal O Estado de S. Paulo naqueles polarizados dias eleitorais de 2018. “Uma escolha muito difícil”, dizia a alta cúpula do Estadão perante o fascismo e o dever democrático.

A porca do fascismo segue à espreita e o público permanece desorientado para combatê-la, para impedi-la

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

e para derrubá-la, enganado pelos donos do poder e da informação.

## REFERÊNCIAS

SARAMAGO, José; *Que Farei com Este Livro? A Noite*. Companhia das Letras, 1980. p. 99-159.

FARIAS, L. A. D; CARDOSO, I. D. A; NASSAR, Paulo. *Opinião pública: revoluções digitais na era da pós-verdade. Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas*, 2019. p. 211-234.

AGÊNCIA PÚBLICA. Martin Moore: “Se não fizermos nada, vamos caminhar para a democracia das plataformas”. Disponível em: <https://apublica.org/2019/10/martin-moore-se-nao-fizemos-nada-vamos-caminhar-para-a-democracia-das-plataformas/>. Acesso em: 11 set. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. 'Fake news' se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecno>

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

logia/2018/03/08/interna\_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 11 set. 2020.

BRASIL DE FATO. Portugal, Revolução dos Cravos e os enigmas de hoje. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2020/01/29/portugal-revolucao-dos-cravos-e-os-enigmas-de-hoje>. Acesso em: 11 set. 2020.

CONGRESSO EM FOCO. Pesquisa mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no kit gay. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>. Acesso em: 11 set. 2020.

EL PAÍS. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207\\_054097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html). Acesso em: 11 set. 2020.

O ESTADO DE S. PAULO. Uma escolha muito difícil. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,uma->

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

escolha-muito-dificil,70002538118. Acesso em: 11 set. 2020.

## **“A tarde”**

**Samantha do Prado Gonçalves Pinto**

Ares condicionados ligados, beeps de mensagens instantâneas e horário comercial querem dizer que a redação está em atividade, mas não que as pessoas lá dentro necessariamente estão. É notável certa quantidade de bocejos e o zumbido constante do computador mais antigo do 9º andar do prédio central do jornal DCC, na avenida central de uma metrópole central. Tudo em seu lugar.

Era quarta-feira de uma tarde que parecia não terminar. Lara não gostava de quartas-feiras - nada de interessante acontecia no meio da semana - da mesma forma que não gostava tanto assim do seu trabalho na DCC. Formada em jornalismo por convicção, ingressou na equipe editorial por sentimentalismo e permanece por letargia. Sentia-se cansada e atrapalhada depois do almoço, tendo passado as duas últimas horas procrastinando suas tarefas entre escrever post-its para colar em sua mesa e folhear o surrado caderno de anotações herdado de seu avô - jornalista, português e inspiracional. Pelo menos era o que Lara pensava. Lia-o,

repetidamente, como se fosse sua ficção preferida e não podia evitar porque tudo parecia tão marcante e tão histórico. Naquela tarde de quarta, relia pela caligrafia do avô suas anotações da cobertura do dia da revolução dos cravos. Encontrou uma linha sobre o tédio na redação naquele dia e achou graça - o jornalismo às vezes pode ser muito repetitivo.

Beep e beep na tela do computador, mensagens no aplicativo de conversas. Gabi (sua amiga mais próxima da redação): você viu esse vídeo do Conversa de Opostos que viralizou no Twitter? Meu deus que vergonha. Conversa de Opostos era um dos programas televisivos da DCC e o vídeo em si continha a discussão dos dois âncoras do programa sobre o tema “polêmico” da semana - muita coisa era polêmica naqueles tempos. Eles basicamente representavam caricaturas dos extremos políticos que tentavam, em quarenta minutos de bate-boca polido que não levava a nenhum lugar, convencer o público que extremos são ruins. Uma celebração performática da imparcialidade, o grande emblema no qual o jornal se escorou para surgir e crescer. A DCC chegou ao país - ainda apenas como jornal físico e online - com a proposta de ser o-meio-termo-sensato-

para-a-bipolarização-terrível-que-assola -a-nação e a prática de se manter silencioso e “imparcial” diante de todo tipo de ataque democrático dos então ultradireitistas no poder. Diante de todas as primeiras (e conseguintes) ações autoritárias, seja contra as instituições, autoridades ou até mesmo contra a imprensa, a DCC estava pronta para trazer “o outro lado da questão” enquanto as demais grandes mídias apontavam abusos. Os frutos? Expansão do jornal para o rádio e tv, conquista do título de mídia número um do país e já dez anos de um governo formado pelas mesmas pessoas. Ode à imparcialidade.

Gabi (de novo): você viu que marcaram uma reunião para agora? Que estranho, nunca marcam reunião de quarta. O convite para reunião apareceu na tela - dez minutos - e Lara ficou chateada por não poder continuar a reler o caderninho de seu avô. Tinha ido parar na DCC por apelo sentimental à memória dele, Lara sabia: um amigo do seu então recém falecido avô a indicou e a pressão familiar a convenceu. Desde então perguntava-se o que era jornalismo, esvaída do entusiasmo que a levou ao curso. Dentro da DCC parecia não haver espaço para ela - totalmente não condizente com os protocolos de imparcialidade - e tão pouco fora da DCC - em um



cenário onde a circulação de palavras contra o governo eram quase inexistentes, para não dizer perigosas.

Isa, a estagiária, se aproximou trazendo papéis e tentando não ser notada, como sempre.

- Lara, aqui estão as impressões que você pediu. Talvez consiga mais no domingo durante o plantão.

Lara não tinha pedido nenhuma impressão (quem ainda precisa de impressão?), mas era apenas a forma mais discreta que ela tinha acesso a um texto traduzido por Isa - que talvez possa ter exagerado um pouco dizendo ser fluente em inglês para passar no processo seletivo e agora esperava poder contar com uma ajudinha de revisão antes de repassar aos seus superiores.

- Você vai fazer plantão de novo? Já não fez semana passada? - Lara apontou para a folha com post-it rosa grampeado, disfarçando a conversa.

- Bom... pediram para eu cobrir o João mais uma vez - lamentou Isa baixo, assentindo.

Lara balançou a cabeça, irritada com a situação.

-Sinto muito Isa, espero que logo melhore suas escalas de plantão. Você merece descansar também.

- Obrigada, Lara - Isa disse, referindo-se não apenas ao comentário sobre o plantão. Sorriu tímida e saiu rápido.

O papel marcado com o post-it devia ser a tradução. Nele estava escrito sempre soube que podia contar com você, espero que já saiba que pode contar comigo (e o desenho de uma carinha feliz). Lara achou fofo e sorriu, mas não pode começar a ler porque ouviu de uma voz atrás de si.

- Você ainda vai ser demitida por ser boazinha demais.

Ela virou-se para ver Igor apoiado na mesa dela, como de costume.

- É melhor que não. Já pensou que sem mim aqui eles podem colocar na sua testa o alvo de subversor da imparcialidade na redação?

Igor trabalhava lá antes de Lara e, assim como ela, detestava o mote pelo qual o jornal se escondia. Fazia parte do contraponto da redação, mas de forma um tanto

mais silenciosa, o que sempre gerava desentendimentos entre os dois. Lara o considerava imparcial contra a imparcialidade e Igor só achava que havia muitas formas diferentes de defender uma causa.

Ele revirou os olhos em tom de brincadeira e começou a falar mais baixo.

- Você sabe porque dessa reunião? Eu vi os diretores conversando aos cochichos. Acha que pode ser pela repercussão daquele vídeo do Conversa de Opostos? Parece que pegou bem mal, vi gente fazendo umas paródias no reels do Instagram.

- Eu não sei - Lara riu - sempre acho que é uma reunião para me demitir coletivamente. Você viu que não publicaram nenhum dos meus textos de semana passada?

Ambos foram se encaminhando para sala marcada. O Diretor e a Diretora da DCC naquela unidade conversavam de pé no canto da sala. Duda passou esbarrando em todos no seu caminho enquanto caminhava mexendo no celular. Afilhada de outro diretor, contratada antes mesmo de terminar a faculdade, dona da maior mesa do andar e viciada em retratar seu dia a dia no jornal número um do país pelo Instagram -

talvez mais do que de fato cumprir com suas obrigações - ela sempre estava com o celular na mão.

Gabi já estava na mesa, tomando café, sentada longe de Leo e Renato. Ambos eram grandes defensores da imparcialidade jornalística, o que comumente gerava discussões de trabalho. Renato adotava ao pé da letra o discurso do “anti-extremismo” e o estereótipo de homem que repete todas as ideias das mulheres da sala como se fossem suas. Leo tinha sido colega de Lara na faculdade e um dos diretores do Centro Acadêmico na época, tendo deixado de lado todo trabalho que tinha feito quando percebeu que podia crescer na DCC enquanto dançasse a mesma música que eles. Gabi sentava-se longe porque tinha raiva de todas as pautas que Renato havia roubado dela. Lara sentava longe porque tinha certo rancor da trajetória de Leo. Igor sentava-se ao lado dela como seu apoiador silencioso. Duda sentava-se ao lado dos meninos porque era o lugar com melhor luz para fazer story com a legenda “reuniãozinha de hoje”. Os diretores nas cabeceiras e a mesa estava composta.

Tudo transcorria de forma habitual: falas prolixas, Renato repetindo ideias da Gabi e chamadas de

atenção para os textos de Lara - não seja tendenciosa, pare de tentar jogar tudo nas costas da política. Seus textos vão sofrer muitas edições dos editores enquanto forem tendenciosos. A sensação de tempo parado e tédio seguia, só que agora em uma sala menor.

Tudo estava para, por fim, ser dado como encerrado quando Duda interrompeu a Diretora para fazer uma piada apontando para o celular:

- Mais uma tentativa de derrubada surpresa do governo, ein? Pelo menos essa pauta não vamos colocar nas mãos da Lara, dá para passar até para estagiária.

Duda, finalmente, tinha a atenção da sala. Diretora fechou a cara.

- De onde você tirou isso?

- Acho que já deve ser o quinto tweet que vejo sobre isso. Estão falando aqui.

O Diretor e a Diretora se entreolham. Começa uma discussão aos sussurros. Você não disse que já tinham pego quem queria organizar isso? Não era incomum tentativas de derrubada do governo, haviam se passado meia dúzia delas no último ano com toda

narrativa de terror que a elas são destinadas (prisões, desaparecimentos e mortes), porém não era comum que boatos fossem abafados pelos diretores. Trabalhavam com uma política clara de tudo deve ser comentado - mesmo que não se tenha muito a ser comentado.

- Acho que dessa vez o burburinho no Twitter é real - Leo mostra o celular - estão compartilhando esse vídeo. Tem muita gente chegando na Esplanada e comentários sobre grupos de militares apoiarem.

- Os militares já apoiam o governo - corrigiu o Diretor, irritado.

- Estão falando de grupos de militares que apoiam a destituição no governo... por uma nova eleição.

Um pequeno caos se instaurou na sala. Todos pegaram celulares, abiram notebooks, ligaram tablets. Atualizavam em intervalos de segundos todas as redes sociais que conseguiam. Em poucos minutos o assunto entrou para lista de tópicos mais falados do Twitter. Mais vídeos de muitas pessoas no gramado da Esplanada começam a surgir.

- Olha - Duda coloca o celular no meio da mesa  
- minhas duas influencers preferidas repostaram esses vídeos nos stories. Estão falando que é um absurdo o que está acontecendo. Uma animalização.

- Parece que realmente é uma tentativa de derrubar o governo – falou Gabi - não parece ser uma amostra de fortalecimento de parceria com os militares. Acho que se começarmos a escrever agora, podemos ser um dos primeiros a liberar a notícia, podemos apurar...

- Vocês se lembram que no começo do ano aconteceu coisa parecida, não? – interrompeu a Diretora  
- colocamos muita credibilidade a perder se noticiarmos isso e ser apenas uma estratégia militar para assustar os extremistas.

- Eu ia sugerir a vocês - Renato virou-se aos diretores - para começarmos a escrever e apurar agora. Não faz tanto tempo que começaram os tweets, podemos ser um dos primeiros a liberar a notícia.

Gabi revirou os olhos.

- Porque tanto cuidado agora? - quis saber Lara - ninguém aqui pede para pensarmos duas vezes antes de

colocar matérias, posts e fotos em todas as redes da DCC para mostrar o vandalismo dos atos de resistência ao governo.

- É porque são atentado terroristas, Lara - disse Leo, parecendo entediado.

- Isso fica mais irônico vindo de você.

- Nossa, gente - Duda mostrou o celular de novo para todos - temos que tomar muito cuidado em como vamos contar isso. Estão falando que é uma estratégia dos extremistas para aparecerem na mídia e se fortalecerem, fingirem que são maiores do que são. Tá no Facebook, mas é de fonte confiável. Não porque é meu primo, mas ele tá no Ministério da Segurança Pública.

- O post do seu primo não importa, Duda - disse Lara, mais alto - precisamos começar a falar disso agora.

- Acredito que devemos pensar com muito cuidado o que escrever, Lara - Renato virou a cadeira para ela - acho que estamos dando palco para grupos terroristas se fortalecerem. Eles sempre tentam mostrar que são maiores do que são. Se correremos para noticiar



isso sem entender de onde vem, podemos estar manchando nossa credibilidade.

Gabi colocou a cabeça entre as mãos. Esse homem não faz sentido.

- O fato já está noticiado - disse Igor, virando a tela do notebook para a sala - os tweets e vídeos já estão indo para o Instagram e o Facebook. Tem gente começando a se manifestar nas redes. Opinião é o que não falta.

Nesse momento, a divisão física da mesa pareceu ganhar novas dimensões. Troca de olhares insistentes com barulhos de notificações ao fundo. Os Diretores se entreolham tensos, embora tentassem manter a compostura do controle.

- Voltem para suas mesas. Vamos fazer algumas ligações e vocês serão orientados.

- Vão perguntar para o governo se é um movimento pró para fazermos textos sobre a importância da imparcialidade ou contra para falarmos sobre extremismo? - perguntou Lara rindo.

O Diretor bateu na mesa.

- Estou cansado de ouvir insinuações suas! Devia agradecer que ainda não te demitiram e mostrar algum respeito pelo lugar que trabalha!

- Eu já te disse - a Diretora pegou em seu braço - ela nunca estaria aqui se não fosse por indicação. Essa menina não serve para DCC. Ela atrapalha todos que a rodeiam.

- Eu não acho - disseram Igor e Gabi juntos.

- É disso mesmo que estou falando - respondeu a Diretora, seca.

Leo mostrou que três jornais já tinham começado a soltar matérias vagas e sem muita informação sobre o acontecimento.

- Voltem para suas mesas, eu já disse - Diretor pega o telefone - quero a equipe de assessoria e social media na sala 93. Agora.

Todos voltam aos seus lugares, mas Igor e Lara sentam-se juntos. Um misto de nervosismo, euforia e indignação os unem.

- Acho que vou ser demitida no melhor dia dos últimos dez anos para ser jornalista - ela ri, nervosa.

Ele pega um post-it azul e coloca em suas mãos.

- Se quiser ter um possível último ato marcante na DCC no melhor dia dos últimos dez anos para ser jornalista.

- O que é isso?

- Meu login e senha de quando fui editor. Ainda funciona. Fique à vontade para ser seu próprio sensor de qualidade.

Os dois riram um para o outro enquanto o andar da redação, a cada dois minutos, explodia em avisos altos “o maior youtuber do país postou um posicionamento no twitter com vídeo”, “o ex presidente soltou um texto sobre em todas as redes sociais”, “um grupo de influenciadores está propondo uma corrente de # no Instagram, parece que vai viralizar!” e coisas do tipo.

No meio da gritaria, Gabi apareceu correndo até a mesa onde Lara e Igor se encontravam.

- Eles sabiam. Parece que alguma coisa saiu do controle. Vai cair. Parece que vai. Tem um documento. Precisam esconder. No plantão de domingo. Ouvi atrás da porta - dizia ela sem fôlego e afoita.

- Gabi, calma! Devagar! Quer água? - Igor passou um copo para ela.

Ela recusa e respira fundo. Começa a sussurrar:

- Eu fiquei atrás da porta ouvindo depois que acabou a reunião. É um movimento para derrubar o governo mesmo. Parece sério. Bem sério. Os diretores da DCC e o governo já sabiam. Ontem prenderam a pessoa que achavam que estava por trás disso, mas parece que foi só uma isca. A coisa saiu do controle. Agora não sabem o que fazem: se colocarem o jornal contra o movimento e o governo for derrubado, vamos ficar marcados como sustentadores do governo; mas se nos posicionarmos a favor e o governo controlar o movimento, DCC vai perder uma série de benefícios. Parece que isso pesa mais.

Igor balançou a cabeça concordando.

- Parece que sim. Já começaram uma cobertura ao vivo, tudo está passando pelo Leo. Estão usando diversas fotos e informações fora do contexto.

- Eles não precisam explicar o que está acontecendo, só precisam opinar sobre isso e fazer parecer que estão explicando - disse Lara, olhando para os lados.

- Tem mais! - continuou Gabi - um documento. Parece que é um acordo mútuo entre o governo e uma série de canais e personalidades para abafar escândalos e moldar a opinião pública contra os revolucionários. Tem assinatura dos diretores e tudo. Só parece que perderam tudo.

- Como assim perderam tudo?

- Eles ficaram sabendo da tentativa de derrubada no meio do plantão do fim de semana e decidiram apagar todas formas digitais do documento com medo de invasão no sistema. Imprimiram o acordo mútuo e ele sumiu.

- Como alguém perde um documento assim? - Igor colocou a cabeça entre as mãos - ia ser uma prova

em tanto para desacreditar o dossiê de absurdos que vão publicar contra os revolucionários!

- A cada tentativa revolucionária parece que fica pior - concordou Gabi – criam novas formas de contornar todos esses absurdos e isolar os revolucionários. De novo. A gente recebe para sentar e assistir eles acabarem com tudo o que sonhamos.

Um silêncio triste recai sob os três. As conversas as suas voltas dizem que a cobertura ao vivo da DCC está sendo a frente mais forte que os anti-revolucionários estão usando para compartilhar seu apoio ao governo. Os alcances estão altos e tudo é medido pelas reações. Leo não para de redigir - quanto mais, melhor. Mesmo pessoas que inicialmente tinham se posicionado a favor do movimento, agora começaram a compartilhar manchetes da DCC pedindo cuidado com o que está acontecendo. Os revolucionários parecem violentos. Parecem mal-intencionados. Parece que pode ser um grande atentado terrorista planejado por países vizinhos ditatoriais - sempre o outro é ditatorial, nunca nós.

- Engraçado pensar que enquanto colocam os estagiários de plantão para fazer todo o trabalho – disse

Igor – eles ficam em uma salinha rindo e discutindo como podem vender o jornal para o governo em troca de se manter no topo do privilégio das mídias.

Algo passa pela mente de Lara.

- Gabi, quando você disse que eles perderam o documento?

- Domingo. Porque?

Lara começa a revirar uma gaveta cheia de papéis, afoita, até que tira de lá uma folha dobrada com um post-it rosa grampeado. Para e lê, incrédula.

- Eu não acredito - coloca na mesa o documento perdido - a Isa trouxe o acordo mútuo para mim antes da reunião. Ela pegou e escondeu o documento do plantão de domingo até hoje.

Igor e Gabi leem o papel. Todos se olham em silêncio.

- Lara - diz Igor - em quanto tempo você consegue redigir a notícia que vai encerrar a cobertura da DCC antes que convençam mais pessoas?

Foi fácil saber que tinha dado certo pelos gritos que começaram a vir da sala de reunião. Mesmo depois de clicar ‘publicar’, nem Lara nem ninguém tinha certeza que a matéria expondo o documento original de acordo mútuo tinha ido ao ar.

Renato, que monitorava os engajamentos, gritou para mesa de Leo.

- Cara, você tá mandando muito bem! Em cinco minutos a última matéria teve mais alcance que todas as outras até agora. Surreal!

Pela primeira vez em quase uma hora, Leo parou de escrever por alguns segundos.

-Que última matéria? Eu ainda não terminei.

No meio da troca de olhares confusos o Diretor saiu gritando da sala de reunião, acompanhado de mais duas ou três pessoas a sua volta.

- De onde veio isso? Quem fez isso? Isso precisa ser tirado do ar. AGORA!

- Acordo mútuo entre mídias respeitadas e personalidades populares cria conteúdo tendencioso para



manter o governo no poder em troca de benefícios. DCC é o principal nome no documento. - Leo lê em voz alta - eu não escrevi isso! Eu nunca escrevi isso! De onde isso saiu?

- Fomos hackeados, não é possível! - sai gritando a Diretora - Alguém invadiu o nosso sistema, só pode ser! Eu disse que esse documento tinha caído em mãos erradas! Meu deus, acabem com isso! Parem tudo, não sabemos o que está acontecendo!

Gabi, Lara e Igor tentavam fingir choque, como todos.

- Quer que eu tire a notícia do ar? - perguntou Lara, inocente.

O Diretor a olhou com irritação.

- Vocês três eu só quero sentados e olhando. Estão pagos para assistir hoje. Leo, tire o site do ar. Melhor! Tire todas as nossas redes do ar!

A Diretora começou a puxá-lo para dentro da sala de reuniões de novo, dizendo, histericamente, sobre traçar estratégias para contornar a crise de imagem que poderia vir.

- Acha que a gente devia tentar derrubar a luz ou coisa assim? - sussurrou Lara para os dois - ainda é muito cedo para tirarem a matéria.

- Nem tente sair do lugar - sussurrou Igor de volta - a gente não precisa que a matéria fique no ar para sempre.

- Caiu, caiu, caiu! - começou a gritar Renato, alertando - tudo fora do ar, galera!

- Quanto tempo? - perguntou Lara para Gabi.

- Quase dez minutos no ar - respondeu Gabi, parando o cronômetro que tinha colocado no celular assim que Lara fez a publicação.

Ela sacudiu a cabeça.

- Droga. Não foi tempo suficiente para o alcance que tinha planejado. Perdemos muitas pessoas com isso.

Igor colocou o celular no colo dela - a matéria sobre o acordo mútuo aparecendo.

- Eu disse que não precisava de muito. É um print. Está na internet e é isso.

Ele começou a rolar o feed de notícias mostrando que a matéria fora do ar estava se multiplicando em inúmeros canais e perfis. Gabi recebeu notificação de que outros jornais estavam noticiando. O documento ganhava vida.

Os três sorriem entre si. Palavras sobrevivem, no fim das contas.

## **Para onde vão os Torres quando saem da Redação?**

Hugo Vaz França Reis

Os celulares estão todos desligados e a plateia acompanha o palco atentamente para saber o que vai acontecer na Revolução dos Cravos, quarenta e seis anos atrás. Estamos já bem dentro do segundo ato e as coisas começaram a ficar realmente interessantes. Quando Torres decide ir para rua averiguar com os próprios olhos o que está acontecendo (quem está dando o golpe?), ele se despede de Claudia, que na verdade foi quem lhe deu

a ideia, e sai por uma porta da redação. Disse que ia para rua, mas isso não responde de verdade a nossa pergunta. Para onde foi o Torres? Por mais que os espectadores espiem as laterais do palco, ou aguardem uma sorrateira transição de cena, a rua nunca irá aparecer. Não está no texto. Torres foi para lugar nenhum.

Temos assim que fazer um exercício de imaginação. Não se pode sair por uma porta e deixar de existir. Pelo menos não no mundo da vida como o conhecemos.<sup>1</sup> Enquanto Valadares, o chefe de redação, é espremido como a engrenagem que é entre o Diretor do jornal, o Administrador e o resto dos funcionários, um Torres metafísico se encontra num limbo do qual só podemos torcer para que retorne. A rua, que foi seu destino, é onde o público deveria estar, mas ela, veja bem... não existe. Para não haver confusão, peço que não se preocupe mais com a plateia, pois esta permanecerá sentada no teatro até o final do espetáculo. O público de que falamos agora nasceu mais ou menos na época da Revolução Francesa, quando ficou decidido que o poder de governar emanava daqui de nós, e não de outro lugar. Mas ele nunca foi bem definido, e com o tempo também foi mudando. Ninguém consegue achá-lo assim partindo

a pé. Onde mora a população de todo Portugal, ou de qualquer país, é só um conceito.<sup>2</sup>

Torres estará em um lugar diferente dependendo de quem você questionar. Para o Administrador do jornal, ele está com os números. A clientela do periódico, os possíveis consumidores dos anúncios de xampu, os alvos das pesquisas de opinião, os bloquinhos constituintes das ações de mercado. Para o Diretor, ele está com a massa. Aqueles que precisam ser domados gentilmente, de preferência, com um editorial bem paternalista.

O mundo do Diretor é vertical e ele se frustra um pouco por não estar no topo. São os generais que lhe conferem a possibilidade de continuar lucrando e prosperar em pleno tempo de ditadura, aquela que sempre vem acompanhada da censura. Ele serve aos generais. E estes o que querem? Conversar um pouco com o público para explicar que tudo corre bem e fascismo é só uma palavra. Assim, o Diretor explica ao Valadares, o Valadares à redação, e a redação ao leitor. Vertical.

Mas e o Torres? Aonde ele achava que estava indo? A noite inteira ele se apresentou com as mangas arregaçadas, barba por fazer, chapéu fedora e um cigarro

pronto para ser aceso toda vez que lhe ocorria uma fala bem profunda. Um idealista. Mas mesmo ele, em sua resistência contra o esmagador sistema da produção midiática de massa, confere um papel passivo ao público.

*A informação que nós atiramos é aquela que, em cada momento, melhor convém para os donos do dinheiro (...). A quem tudo isto deveria ser explicado, não era você [Valadares], era a toda essa gente que anda na rua, que compra o jornal e o lê, e acaba por acreditar mais no que ele diz do que aquilo que seus próprios olhos vêem.<sup>3</sup>*

Não chega a lhe ocorrer que o leitor compartilha da mesma repulsa pelo sistema em que estão inseridos, com a distinção clara de não terem possibilidade de influenciar o debate público (o quanto o jornalista consegue fazer isso não nos cabe aqui analisar). Torres quer ser o herói da peça, falar diretamente nos olhos da plateia e com o público através das eras. Mas seu monólogo produz algumas notas azedas que fazem certos atendentes se revirarem no assento. Ninguém quer fazer parte desse público unidimensional, ameno, digno de pena. Incapazes de resistir à uma linha editorial.

Como sempre, sobra para a estagiária. Claudia é a única que nos inclui um pouco na conversa. Quando diz que o jornalismo que mais lhe agrada é aquele no qual o leitor pensa nas mesmas coisas que ela (não as mesmas coisas, note-se), traz à tona um “duplo processo”<sup>4</sup> no qual finalmente estamos incluídos. Sim, ainda não decidimos a pauta de nenhum periódico e nenhum editor nos liga para perguntar qual foto deve ir na contra capa. Mas tudo que o jornalista pode fazer é isso: imaginar o público. Perceber que ele não está lá, apesar de estar em todos os lugares. O jornalista faz seus cálculos, escreve, e arremessa a notícia no mundo. Quem a apanha, por sua vez, faz sua própria interpretação.<sup>5</sup>

De repente ouve-se: “Aconteceu! Aconteceu!”. É Torres que grita enquanto retorna correndo à redação. Não dá para saber se está extasiado pelo que viu ou por ter encontrado o caminho de volta. A Revolução dos Cravos, ele diz, não com estas palavras, parece bem encaminhada. Todos já sabíamos, mas ainda assim é bom saber. O barulho agora é o de máquinas. O ânimo da platéia está lá no alto. Muitos ouvem pela primeira vez o som de uma rotativa imprimindo jornais, ou pelo menos

o melhor que o jovem sonoplasta consegue reproduzir ali no momento. É o salazarismo chegando ao fim.

Cessam-se os sons. Cessam-se as luzes. Para o observador, por um breve instante, o teatro não é mais nada. Os atores, o palco, a plateia, pode-se apenas deduzir, juntaram-se à escuridão. Onde está o público? Para onde foi o Torres? Já não estamos mais em 1976, isso fica claro. Mas o quanto não estamos em 1976 é a questão.

O Administrador, o Diretor e até mesmo o Torres ainda nos enxergam no mesmo lugar. Basta lhes perguntar. As notícias transmitidas aos celulares que lentamente vão se acendendo enquanto irrompem os aplausos também se formam do mesmo jeito. A velha estrutura continua em pé. O acesso à internet não pauta as grandes discussões sobre economia, reformas, democracia. Certas coisas continuam sendo decididas em salas fechadas e combinadas no canto de uma redação. O alinhamento entre corporações e a mídia de massa só recrudescer. O público e o produto foram se borrando cada vez mais em um só. O fluxo irrestrito do capital provou-se mais forte que a possibilidade de expandir o



debate público pela manifestação individual. Os editores do *New York Times* ainda não retornam nossos e-mails.

Ninguém (perdoe o exagero) compra mais o jornal. No entanto, somos consumidores mais do que nunca. Os *clicks* são tão bons quanto a leitura bem apurada de qualquer assunto. A velocidade instantânea da reação às publicações, o foco nas imagens e nas chamadas e a natureza paradoxalmente solitária de se utilizar as redes sociais erodem o apreço pelo debate racional. As telas, os botões, os pixels, a fibra ótica são apenas ferramentas para continuidade da atividade humana. Não criou-se uma nova esfera de debate, mas a possibilidade de fazer algo diferente. Com o tempo, talvez.

O teatro agora está vazio. A plateia finalmente virou público, assim como os atores, os figurantes, o contrarregas, o sonoplasta....Viraram todos uma ideia, palavras, imagens, pensadores, políticos, tudo se somando em todos os lugares e em lugar nenhum. O Torres metafísico ainda vaga à procura da rua, sendo a rua, mudando junto com ela. Se topa com ele, não se esqueça de perguntar como vão as coisas no jornal.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

## Referências

---

- <sup>1, 2</sup> HABERMAS, JÜRGEN. **A teoria da ação comunicativa.**
- <sup>3</sup> SARAMAGO, JOSÉ. **A Noite.** Companhia das Letras.
- <sup>5, 6</sup> CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** Editora Contexto, 2006.

## **Os valentes em um mundo digital**

Mariana da Rocha Cotrim

O terceiro alarme de Pedro soou às 6h30, indicando que ele já estava atrasado se quisesse cumprir toda sua rotina matinal antes de ir à universidade. Acontece que o jovem não estava dormindo, muito pelo contrário: acordou assim que seu primeiro alarme, às 6h10, disparou. Pegou então seu celular para checar os destaques do Twitter e ver se havia algum ocorrido importante antes de começar o dia.

Decidiu levantar-se e começou a se arrumar. Depois de colocar uma roupa e escovar os dentes, desceu até a cozinha para comer alguma coisa. Sentou-se e, antes de começar a tomar seu café, pegou novamente o celular. Checaria as principais notícias até o momento. Tinha que dar uma olhada em seu veículo de maior confiança, e também explorar um pouco o Facebook. Como um ávido leitor e amante de política, o jovem se atentava a todos os meios de informações possíveis, e estava acostumado a recebê-las através daquela rede social. Afinal, ele não fugia da tendência de consumir conteúdos noticiosos online.

No aplicativo do veículo jornalístico, um pouco do mesmo. O Senado aprovou as alterações que propôs o presidente para aquela lei. Próxima. Expectativa de trânsito intenso para o litoral, visto que as previsões do fim de semana são de sol e muito calor. Próxima. Mais um editorial com alguma crítica forte ao poder executivo do país. O título chamou a atenção de Pedro, que então iniciou uma leitura mais atenta.

Aparentemente, no começo da semana, a declaração do governante Carlos Valente causou alvoroço devido a seu caráter impreciso, além de ofensivo. “Mais do mesmo”, pensou Pedro, recordando-se do ocorrido. A ofensa fora direcionada a uma minoria, e Carlos, no dia seguinte, reforçara, agressivamente, suas opiniões a jornalistas. Apesar do alvoroço, Pedro estava certo: escândalos assim pareciam ser a diversão do político eleito, parte do cotidiano.

Terminou seu café da manhã, guardou o celular na mochila e, antes de sair para a rua, deixou o jornal impresso que chegou com o correio na mesa de jantar, para que seu avô o visse facilmente. Seu Antônio, português, era um dos únicos conhecidos de Pedro que

ainda lia religiosamente os impressos. “Prefiro assim... costumes que ficaram desde que vivia em Portugal” resmungava o senhor quando o questionavam.

Para ir à universidade, Pedro precisava andar algumas estações no metrô. Apesar de ter que se apertar entre os vários passageiros, o menino admirava ouvir as conversas das pessoas, tão próximas que seria impossível não ouvir sobre o que falam.

Naquele dia, quase que debruçados sobre Pedro, dois homens conversavam sobre o tal do presidente Valente:

- Você viu o que ele fez agora? É de tamanha insensibilidade!

- Ah, mas onde você ouviu falar disso? Tem certeza de que não foi montagem? O negócio é que, na postagem que ele fez para as redes sociais dele, tem outras coisas a considerar que a imprensa não mencionou...

- Que isso, cara! E você acredita no que ele fala? O jornal ao menos mostra o porquê de ele estar errado, é uma fonte segura!

- Acreditar a gente não acredita em tudo, mas o homem tá lá, postando tudo o que ele faz pelo povo, ele liga pra gente! E fonte segura, agora tem em vários lugares, não é só esse jornalzinho...

Decepcionado por não ter ouvido o resto da conversa, Pedro desceu do metrô e foi a caminho da faculdade. Ainda com a cabeça no diálogo que tinha acabado de ouvir, pensou no quão importante era agora uma simples declaração do político em suas contas do Twitter ou do Facebook. Ele mesmo dava atenção a essas postagens, era como se os próprios governantes produzissem suas notícias... “estão aí os novos meios de informação do povo”, refletiu.

Chegando à classe alguns minutos adiantados, Pedro resolveu checar a rede social onde Valente publicou sua justificativa. Demorou um pouco para encontrar a postagem, tamanha a quantidade de declarações que já haviam sido feitas na rede. A leitura foi rápida. Algo sobre o mais importante ser desenvolver o nosso país, que as frases ditas por ele foram tiradas do contexto e, por último, uma ofensa corriqueira à imprensa. Novidade...

Pedro então voltou-se aos colegas que já estavam em seus lugares. A maioria enterrada em seus celulares. Ao seu lado, duas meninas conversavam, também sobre o governante em questão, mas envolvendo outras pessoas. Aparentemente, o governador daquele estado do Sul já havia dado um depoimento (também em seu Twitter) sobre o artigo do jornal. Além disso, aquele outro ministro (era o do Senado?) tuitou uma mensagem de apoio ao veículo e parabenizou a matéria, algo do tipo “é importante respeitar as instituições democráticas”.

A primeira aula do dia, ética, também destacou os últimos acontecimentos. Um aluno respeitosamente interrompeu as divagações filosóficas do professor e pediu para que ele comentasse, não só a matéria publicada no jornal e o pronunciamento do político, mas também as posições que outros ministros já tinham feito em relação ao ocorrido em suas contas de Twitter. Isso porque, no meio da aula, o assunto já tinha se tornado um dos mais comentados no país, e dividia opiniões políticas e civis no espaço digital.

A pergunta resultou numa longa discussão sobre a esfera pública e a formação da opinião pública nos

tempos em que as mídias digitais são principal espaço de interação.

Como, hoje, Estado e governos têm acesso ao que movimentam discussões e, dessa forma, participam delas (Bittencourt, 2016).

Pedro ouvia atentamente. É possível perceber até aqui que o jovem era um bom ouvinte e observador. Isso porque o que ele mais fazia era refletir. Cada conversa que ele presenciou naquele dia o levava a algum lugar ou a alguma pessoa. Naquele momento, sua mente estava em seu avô. Como um senhor conseguia ter tanto controle a ponto de só ler os jornais impressos, sem saber os posicionamentos de políticos em suas contas oficiais? “Algo de bom há nisso, a mente dele deve ser mais saudável do que a de muitos jovens por aí...”, pensava.

Após horas de divagações em intervalos, acompanhadas de questionamentos, risadas e conversas entre os colegas de classe, mais calmos depois da conversa com o primeiro professor, foi o horário de voltar para casa. Pedro já ansiava o jantar daquela noite, que teria a companhia de seus tios e primos mais velhos,



e provavelmente alguma discussão a respeito do que todos falavam, uma tradição da família Almeida.

Ao chegar em casa, notou o avô, que estava assistindo ao jornal da tarde. A âncora falava sobre uma decisão, tomada mais cedo pelo governante em pauta, que de certa forma se relacionava com aquela declaração feita. A apresentadora passou a palavra para uma repórter, que estava num ato, em favor àquela personalidade. O evento teria sido organizado por grupos online, e até endossado por Carlos Valente em suas redes sociais. Os manifestantes mostravam as bandeiras brasileiras sorrindo, com orgulho. Era uma verdadeira mostra de patriotismo.

Seu Antônio mirava a televisão, atento às imagens e às palavras da repórter. Era difícil decifrar o que passava por sua cabeça naquela hora. Pedro sabia que o senhor havia trabalhado com algo relacionado à impressão de jornais quando vivia na Portugal de Salazar e Caetano, e que o jornalismo era algo que o encantava. Mas aquela expressão não era de encanto, era algo mais. Perguntou ao avô o que o incomodava.

- Só essa carga de informação... é muito para processar - respondeu o velho, com um sorriso apaziguador.

- O senhor deveria ver a situação da internet, aí sim ficaria louco - brincou o neto, e deixou Antônio vendo seus programas.

O resto da tarde foi tão produtivo para o jovem que passou depressa. Pedro só se deu conta de que era noite quando o interfone tocou, indicando que seus tios haviam chegado.

Os jantares da família Almeida eram como qualquer outra reunião de parentes na classe média brasileira. A discussão sobre política era obrigatória à mesa, assim como os comentários que ofendiam a qualquer minoria que fosse - e que deixavam Pedro secretamente furioso. Não é de se surpreender que o assunto naquela noite também seria o comportamento do presidente (afinal, ele já era o primeiro nos assuntos mais comentados no Twitter, segundo pesquisas de Pedro).

O tio do jovem, filho mais novo - e o mais agitado - de Antônio, deu a largada:

- Sobre essa discussão toda de hoje, eu acho é que Valente falou pouco! Onde já se viu, agora ele não pode expressar o que pensa? Os jornalistas fazem muito caso... - mas não conseguiu terminar a frase, interrompido por seu irmão, pai de Pedro, e cujo caráter pacífico o menino herdara.

- Acontece que é preciso ouvir todos os fatos, e também temos que considerar que, com esse mundo digital, as fake news rolam soltas, né... é possível sim que os argumentos dele para o que fez sejam baseados em fatos distorcidos!

- Mas a imprensa que você lê não é a única! O próprio Valente tem suas redes sociais e está sempre em contato com os eleitores! Ele comunica! E lá ele disse, e mostrou provas, que o editorial não estava sendo inteiramente correto.

O pai de Pedro só riu. Foi a vez de sua mãe entrar no diálogo:

- E aquele ministro, Augusto sei lá o quê, que falou que a situação está feia mesmo, que o que Valente fez foi errado! Eu concordo com ele, é daqueles que são inteligentes, corretos...

- Falou onde?

- Eu recebi uma notícia com o fato, mas a postagem está no Twitter dele, pode ir lá ver!

Os celulares acendem-se na mesa. O que era um hábito desrespeitoso para muitos, na família Almeida era rotina. Pedro os acompanhou. Ao abrir o celular, já tinha algumas notificações novas. A declaração do tal ministro o colocou como destaque na discussão. Pessoas o elogiavam, alguns o insultavam, mas a popularidade era certa. Carlos Valente também tinha certo protagonismo nas discussões dos grupos de conversa do jovem e entre as personalidades políticas e jornalísticas que seguia.

Enquanto os primos, tios e pais encaravam seus celulares, provavelmente aproveitando a deixa para responder alguém ou ler algo, Pedro notou o olhar atônito de seu avô. Seu Antônio viu que o neto o observava e então sorriu, um sorriso cansado.

- E pensar que, na minha época, tudo o que o político tinha que fazer era ligar para o jornal e pedir um corte...

Todos à mesa levantaram os olhares. Era raro falarem sobre aquela época, pois sabiam que o avô havia sofrido, mas não exatamente como. O velho notou os olhares confusos e, com o sorriso ainda mais largo, continuou:

- Se hoje esse mundo digital é onde acontece a maior parte das discussões e dos posicionamentos, na minha época, o posicionamento do político estava lá, no jornal, e muitas vezes não sabíamos que, de fato, era um posicionamento. Havia Máximos Redondos e Abílios Valadares nas redações que se encarregavam disso... - era como se estivesse falando sozinho, talvez fosse mais uma reflexão dele mesmo.

- O que isso significa, vô? - perguntou Pedro, mais interessado do que os outros.

Antônio olhou para o neto, o sorriso se enfraquecendo, e disse:

- Deixe pra lá, bobagens e costumes de quando vivia em Portugal...

A resposta foi a deixa para que a família sutilmente mudasse de assunto, agora sobre a cantora de

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

sertanejo que, nos comentários do Instagram, ofendera um fã no dia anterior. Pedro, no entanto, ainda olhava para o avô, que, novamente, retornou a seu olhar atônito, agora mais concentrado no jantar do que na conversa, como se a carga de informações o fizessem desistir de dialogar. Era como se mais uma pessoa se perdesse na imensidão digital dos grandes influenciadores atuais.

## **Referências**

BITTENCOURT, Maíra. O Príncipe Digital: Estruturas de poder, liderança e hegemonia nas redes sociais. 2016. 443p. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

FARIAS, Luiz Alberto de; CARDOSO, Ivelise de Almeida; NASSAR, Paulo. Opinião Pública, Comunicação e Organizações: convergências e perspectivas contemporâneas. 1ª ed. São Paulo: Abrapcorp, 2020.

LIEDTKE, Paulo. Governando com a mídia: os presidentes e o uso político dos meios de comunicação de massa. Comunicação e Inovação. 2008. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/698](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/698).

## **O imediatismo instaurado no ato de noticiar**

Tiago Sameshima de Medeiros

A obra “A noite” de José Saramago retrata de forma ficcional, em formato de peça teatral, os acontecimentos ocorridos em uma redação jornalística na virada do dia 24 para o dia 25 de abril de 1974 em Lisboa, Portugal. Nesta ocasião, acontecera a Revolução dos Cravos, uma manifestação política que enfrentou e derrubou o regime ditatorial imposto por Antônio de Oliveira Salazar em 1932.

Na oportunidade exposta por Saramago, suscita-se de que forma um veículo de comunicação português reagiu a esses acontecimentos e como os jornalistas ali presentes atuaram conforme o desenrolar das ações. Neste ensaio, haverá o anseio em traçar um paralelo e buscar entender de que forma um grupo comunicacional agiria para noticiar uma revolução que ocorresse nos dias atuais.

Para iniciar a comparação, é necessário contextualizar, em termos técnicos principalmente, qual

era a realidade de uma redação europeia na década de 70 do século XX. Na obra há a apresentação de uma linha hierárquica clara, em que no escalão mais alto estão o Administrador, responsável pelas decisões comerciais e estruturais, e o diretor da redação, à cargo de fiscalizar e chefiar a produção de conteúdo do jornal.

Seguindo uma ordem decrescente de atribuições, começando pelo chefe de redação Valadares até a estagiária Cláudia, os cargos expostos em “A noite” assemelham-se em nomenclatura aos agentes presentes em uma redação de veículo de comunicação do ano de 2020. Porém, as funções de cada profissional presente no dia a dia de um jornal atualmente foram modificadas com o avanço da tecnologia e alteração na forma que o público acessa as informações.

Hoje, esses profissionais ganharam mais atribuições ao longo de suas jornadas de trabalho. Os acontecimentos de interesse da opinião pública mantêm-se presentes no cotidiano jornalístico, mas a acessibilidade e interatividade do público com a veiculação de informações foram alteradas ao longo do tempo.



Como descrito no texto, as atribuições de Valadares valiam-se de fiscalizar as produções que estariam na edição do dia seguinte do jornal, estruturar a capa e selecionar as atividades de cada indivíduo da redação conforme a necessidade e seu ofício. Esses deveres presentes no ato de chefiar uma redação jornalística foram mantidos ao longo tempo, contudo, houve um grande acréscimo de canais de comunicação com o público para chefiar, além da mudança do tempo da notícia.

Os grupos comunicacionais atuam nos mais diversos formatos disponíveis para um veículo de informações com vídeos, podcasts, portal on-line, redes sociais, o jornal impresso, entre outros. Sendo assim, é notável que o número de objetos a serem fiscalizados tornou-se maior do que era visto nas redações da década de 70

Da mesma forma, foi necessário que o número de pessoas na redação fosse acrescido para dar conta de apurar e produzir o material diverso que abastece todos os canais de comunicação do veículo. Assim, a linha

hierárquica, apesar de manter nomenclaturas já estruturadas nas redações, está mais diluída nos diferentes cargos que surgiram a partir do crescimento da área de atuação dos grupos comunicacionais.

Outro ponto de grande importância que modifica a forma que os acontecimentos como uma revolução são noticiados pela imprensa é a mudança do tempo presente no ato de noticiar. Se no caso da redação relatada em “A noite” houve grande debate sobre a inclusão, ou não, do rumor posteriormente confirmado de ocorrência de uma manifestação política, nos dias atuais, não haveria brecha para postergar a notícia.

Atualmente o tempo da notícia é quase inexistente. “A dimensão temporal é também um importante fator na organização do discurso que se desenvolve no ambiente Web [...]. A grande promessa gira em torno da possibilidade de oferta de notícias em tempo real.” (DALMONTE, 2010).

A internet de banda larga e as redes sociais propiciaram uma comunicação global instantânea. As equipes de imprensa possuem canais, principalmente redes sociais como o Twitter, para noticiar

acontecimentos quase que concomitantemente ao ato em si, sanando a demanda que o público possui de saber o mais rápido possível sobre os acontecimentos que o aflige.

Na peça teatral há também o debate ético sobre a postagem da notícia, colocando à prova o caráter jornalístico do jornal em noticiar um acontecimento que poderia ser contrário ao alinhamento estruturado com o regime ditatorial que é suscitado na obra. Sobre esse fator, esse tipo de hesitação não está erradicada nos tempos atuais, porém, o período de tomada de decisão torna-se bem mais curto, uma vez que a concorrência com outros veículos e o julgamento por parte da esfera pública estão mais exacerbados em 2020.

Um ponto presente na obra que também cresceu ao longo do tempo é citado pelo Administrador, no momento de discussão sobre a realização, ou não, da postagem sobre a revolução. O personagem que representa o viés comercial do jornal chama a atenção de Redondo e Valadares para o caráter da publicidade que se faz presente no veículo.

Segundo ele, a omissão do jornal em não ser postado naquele dia trairia o compromisso que o grupo de comunicação possuía com patrocinadores, que pagavam para serem mostrados diariamente nas páginas. Essa relação entre o jornalismo e a publicidade mantém-se vigente, e da mesma forma, foi transpassada para os ambientes digitais.

Os anunciantes visam, ao pagar pela publicidade, ter suas marcas expostas junto aos grandes acontecimentos noticiados pelos veículos de comunicação ainda hoje. De forma mais evoluída, existe conteúdo patrocinado, em teoria devidamente sinalizado para o público, feito com o intuito de promover uma marca em um ambiente em que circula-se informação essencial para a opinião pública.

Ou seja, a relação da publicidade com o jornal, que já despertava atenção no jornalismo da década de 70, ainda é um ponto presente e que é levado em consideração nas atividades de uma equipe de comunicação com ainda mais zelo, por conta do aumento do alcance e da influência que os grupos da imprensa têm sobre a população.

Muitos veículos jornalísticos buscam encontrar um equilíbrio e o respeito à ética jornalística na relação entre a redação e a área comercial de um jornal. Uma vez que a publicidade propicia com que os jornalistas façam seu trabalho de observar, apurar e redigir os conflitos e acontecimentos do mundo, é visível a relação importante à manutenção do jornal que esses dois campos possuem. Ao mesmo tempo, é necessário que se evite um contato entre publicidade e jornalismo, visando a garantia de credibilidade do conteúdo ali produzido.

Ainda sobre essa relação, há muitas nuances nesse debate e não há uma fórmula totalmente correta. Contudo, o mais usual ainda é segundo Bucci (2010): “O comercial se ocupa da prestação de serviços ao anunciante, enquanto o editorial se dedica a manter satisfeito o destinatário do conteúdo editorial”.

Ao analisar todos esses pontos e ter a ciência de que uma redação de 2020 possui heranças e diferenças do que era realizado pela imprensa europeia em 1974, pode-se concluir que um grupo de comunicação atuante nos dias de hoje agiria de forma distinta do que a relatada por Saramago.

Um fator propiciado pelas redes sociais é que os próprios jornalistas possuem um canal direto com público. Não há mais a barreira temporal entre a apuração e postagem da notícia. Sendo assim, no caso de um jornalista atual encontrar-se na mesma situação que Torres, que possuía uma visão diferente da apresentada por Valadares, esse poderia ir a público em um canal próprio e publicar seu relato.

Apesar das relações trabalhistas terem se mantido ao longo do tempo, os jornalistas, assim como os veículos, possuem mais liberdade de atuação, não estão presos a utilizar apenas as ferramentas proporcionadas pelo jornal. Os anseios pessoais de cada agente jornalístico, ainda que se mantenham sob uma ética, estão muito mais presentes na veiculação de informações atualmente, dado o fato de que não há mais uma relação de exclusividade de ação do jornalista apenas no jornal.

E essa situação estende-se para todos os agentes da redação, que teriam mais ferramentas para apurar e tirar suas próprias conclusões sobre o acontecimento,

podendo optar por oferecer suas opiniões em um canal próprio ou resguardá-las para uma publicação no veículo.

Além disso, a própria dinâmica de publicação da notícia pelos canais de comunicação de um jornal atual seriam diferentes. Atualmente existe um maior preparo por parte das equipes para lidar, em termos de confirmar a notícia e apurar em campo, com grandes acontecimentos. Esse aspecto diminuiria as dúvidas que pairavam na redação relatada em “A noite” e fariam com que um chefe de redação e um diretor de grupo de comunicacional atualmente pudessem tomar suas decisões com um respaldo de informações mais concreto.

Por fim, a ação do jornal ao relatar a manifestação, por conta do tempo da notícia já citado, seria realizada via rede social ou seu canal de maior agilidade para noticiar à população, já que o público atualmente possui um maior discernimento das informações e exige mais dos grupos de comunicação uma grande velocidade em seus processos do que, naturalmente, o corpo social português da década de 70 exigia.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

Essa ocorrência é justificada pelo papel da ética jornalística contida no ofício de um veículo da imprensa. Mesmo contrário a uma possível manifestação política, seria altamente condenável a omissão de um jornal. Algo mais provável e questionável que poderia acontecer seria a alteração do ponto de vista de análise sobre o acontecimento, o qual seria condizente com a linha editorial do grupo de comunicação e que colocaria a opinião pública à cargo de julgar a notícia como verossímil ou não.

### **Referências Bibliográficas**

Saramago, José. **Que farei com este livro?**. Companhia da Letras, 28/04/1998.

Dalmonte, Edson. **Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramento.** Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742010000100019&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742010000100019&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 set. 2020.

Bucci, Eugênio. **‘Igreja’, ‘Estado’ e certas circunstâncias.** Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em->



MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

questao/igreja-estado-e-certas-circunstancias/>. Acesso em: 10 set. 2020.

## **Moral Baixa**

### **Mayumi Yamasaki**

Nada como um cafezinho para ocupar os espaços vazios da rotina, né? Foi pensando nisso que eu decidi parar em uma cafeteria quando tinha acabado de sair do estágio. Eu queria mesmo era me desligar do mundo e curtir um tempo sozinha nas três horas que me restavam e antes de ir para faculdade. Doce ilusão...

Sentada enquanto aguardava a chegada de um café expresso, eu descobri que para mim é impossível se desconectar do mundo. Eu não conseguia parar de prestar atenção na conversa dos outros, mas tinha uma em particular que estava atrapalhando totalmente o meu momento de descanso.

Na mesa ao lado, um casal de meia-idade discutia de maneira entusiasmada como a imprensa nacional está “contaminada de opiniões”. Para eles, era absurdo que um site de notícias tinha publicado uma matéria contrária a algumas medidas recentes anunciadas pelo governo. Eles clamavam pela imparcialidade dos jornalistas.

Todo mundo já está cansado de ouvir essa história, mas imagina eu que tenho que escutar em quase todas as aulas da faculdade que não existe imparcialidade no jornalismo! Esse provavelmente deve ser um dos maiores mitos da profissão que escolhi, mas não consigo me lembrar da última vez que mantive a calma quando escutei o discurso da neutralidade na imprensa.

De onde será que vem essa ideia? Para mim, é claro que ouvir várias versões da mesma história pode conferir certo grau de “imparcialidade” na notícia, como o jornalista Nilson Lage (1979) disse no livro “Ideologia e técnica da notícia”, mas ele mesmo não negava que toda prática discursiva é marcada pela subjetividade. No caso do jornalismo, apenas a seleção do que vai ser noticiado já torna todo o processo parcial.

O problema é que a grande imprensa colabora para a perpetuação desse mito. Não dá para esquecer que o Marcelo Beraba, antigo ombudsman da Folha de São Paulo, afirmou que “ a busca da imparcialidade e da objetividade deve ser compromisso permanente da imprensa” (BERABA, 2005) no artigo “Armas da

imprensa”, contrariando os debates que ficam presos na academia.

Várias obras de ficção já retrataram algo assim. Me identifico muito com o Torres - da peça “A Noite”, que o José Saramago escreveu. Observando a falsa neutralidade do jornal em que trabalhava e farto de servir indiretamente a interesses que não acreditava, o personagem descarrega no chefe: “Quantos acontecimentos se dão para o mundo diariamente? Provavelmente milhões! Quantos deles são selecionados, quantos deles passam pelo crivo que os transforma em notícias? Quem os escolheu? Segundo que critérios? Para que fins?” (SARAMAGO, 1998, p. 125).

Inspirado pela sociedade portuguesa, Saramago mostrou em “A Noite” como uma redação de um jornal fictício teria lidado com a Revolução dos Cravos, que derrubou a ditadura salazarista em 1974. É curioso como, naquela época, o autor já mostrava como a ideia de uma postura imparcial da redação impulsionava a venda nas bancas.

Lembro de ter lido uma vez que as notícias são concebidas integralmente como mercadorias porque

estão sujeitas à lógica do capitalismo. Quem disse isso foi a socióloga Gisela Taschner (1987 e 1992). No fim, a ideia explica bem porque há anos os jornais se preocupam com a reação do público e, conseqüentemente, dos anunciantes. São eles que sustentam os jornalistas.

Me pergunto constantemente o que aconteceria se a sociedade realmente percebesse que está no poder daquilo que é publicado. Será que assim as notícias falsas, tão criticadas na era da internet, não desapareceriam? No sistema capitalista, se um produto não tem público consumidor, ele sai do mercado ou se adapta às demandas.

A teoria é bem simples. Na prática, uma pesquisa feita na Universidade de Oxford mostrou que sites populares de informações incorretas, na maioria da Europa tiveram um engajamento 1, 2 a 4 vezes maior do que as notícias de meios jornalísticos tradicionais no ano de 2019. Ou seja, o público continua de certa forma alheio à própria força como acontecia no passado.

Por outro lado, nas redes sociais - em especial no Twitter - vejo diariamente que as pessoas estão bem mais

ativas no processo de criação da notícia. Acho interessante que a jornalista Raquel Recuero (2009) até classifica os internautas como “receptores complexos” porque eles não se limitam a receber a informação, querem confrontá-la, interpretá-la e a buscam em diferentes meios.

Não é muito difícil ver várias pessoas criticando a forma como uma notícia foi escrita nos comentários de uma publicação nas redes sociais de grandes jornais mundo afora. Diferente do que acontecia nos anos 1970, na época de “A Noite”, a notícia se espalha rápido e as reações dela também. No impresso, o público só podia contestar a publicação pela carta do leitor e a publicação dela passava pelo crivo dos editores.

A parte ruim dessa ampliação da quantidade de vozes é justamente as brechas que se abrem para as notícias falsas. Elas, por sua vez, ajudam a fortalecer o discurso contra a imprensa. Quantas vezes nos últimos meses o atual presidente se aproveitou do cenário caótico da internet para alegar que informações que poderiam ser prejudiciais a imagem dele eram falsas, fruto de uma perseguição dos jornais? Incontáveis.

Invejo os jornalistas de “A Noite”. Em 1974, a imprensa ainda tinha prestígio e era valorizada pela população. Na história, Torres, Cláudia e os funcionários da oficina lutam para que se publique sobre a revolução porque eles acreditavam no poder do ofício, algo que não se vê muito hoje.

A desvalorização chegou no nível em que a maioria vagas de estágio em São Paulo oferecem bolsa auxílio de mil reais sem benefícios sendo que, se houver possibilidade de efetivação, o salário não aumenta muito. Isso sem mencionar a quantidade de horas que um jornalista trabalha nos tempos atuais... No final de semana, aliás, é minha vez de ficar no plantão de notícias.

É por essas e outras, incluindo o meu ego, que o sangue ferve toda vez que ouço alguém criticando a imprensa por falta de neutralidade. Eu estava pensando em como poderia me distrair para parar de pensar nesse assunto quando vi a moça da mesa ao lado, que provocou esse grande gatilho, vindo em minha direção.

Desesperada, fiquei me questionando se eu tinha involuntariamente feito uma expressão de repulsa enquanto ela conversava com o companheiro. Quando

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

chegou mais perto, ela pediu: “Posso pegar essa cadeira emprestada? Você vai usar? Estamos esperando uma amiga”. Ufa! Assenti.

Quase indo embora, a mulher não se conteve e soltou: “Ih! Nem perca tempo lendo essa notícia que está aberta no seu celular, viu... Cheia de informações tendenciosa”. Olhei para tela do meu motorola. Eu estava com a minha própria notícia aberta, checando o resultado do meu trabalho depois do estágio. Abri um sorriso amarelo e esperei até que ela se afastasse enquanto pensava em qual comédia romântica dos anos 1990 eu iria assistir mais tarde para fingir que ainda é chique ser jornalista.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** Petrópolis, Vozes, 1979.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulinas, 2009



MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. **Do jornalismo político à indústria cultural.** São Paulo: Summus, 1987.

SARAMAGO, José. **Que Farei Com Este Livro.** Lisboa: Companhia das Letras, 1998.

BERABA, Marcelo. As Armas da Imprensa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om0910200501.htm>>. Acesso em: 10 set. 2020.

FARIAS, Luiz Alberto; CARDOSO, Ivelise de Almeida; NASSAR, Paulo. Opinião Pública: Revoluções Digitais na Era da Pós-Verdade. In: FARIAS, Luiz Alberto *et al.* (Org.). **Opinião Pública, Comunicação e Organizações - Convergências e Perspectivas Contemporâneas.** São Paulo, Abrapcorp, 2020.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

## **Qualquer semelhança com personagens da vida real e seus ditos e feitos é pura coincidência... Evidentemente**

Mariana Amaral Arrudas

*“Qualquer semelhança com personagens da vida real e seus ditos e feitos é pura coincidência. Evidentemente.”*  
(SARAMAGO, 1998, p. 99)

No conto “A noite” de José Saramago, são retratados os acontecimentos dentro da redação de um jornal, o qual não é especificado o nome ao longo da peça, durante a noite de 24 para 25 de abril de 1974, a qual aconteceu a Revolução dos Cravos. Primeiramente, para traçar um paralelo com o que foi retratado na peça e o que aconteceria nos dias atuais, é necessário contextualizar o momento histórico em que Portugal se encontrava e o que foi a Revolução.

O país estava em um regime salazarista desde 1932, quando, após o golpe militar, Antônio de Oliveira Salazar assumiu o cargo de primeiro ministro das finanças e ditador, implementando uma forma de

governar inspirada no fascismo italiano, o que vemos no livro quando a personagem Cláudia, estagiária, acusa Valadares, chefe da Redação, de estar sucumbindo ao fascismo ao invés de ir às ruas e retratar o que estava acontecendo verdadeiramente.

A Revolução dos Cravos derrubou o regime vigente e o então ditador, Marcello Caetano, que havia assumido o lugar de Salazar. Logo após, assumiu o poder o general António de Spínola. Para comemorar o fim da ditadura, a população saiu às ruas distribuindo cravos aos soldados rebeldes, considerada a flor nacional.

Agora, analisando o conto, é interessante pensar que Saramago tem uma característica de querer revisar a história. Ele quer dar voz e vida aos que, de certa forma, foram apagados pela história por não terem grandes nomes que resistiram ao tempo, no caso de “A noite” os funcionários da redação do Jornal de Lisboa, que não fica claro que são retratos de pessoas reais ou pelo menos a generalização de um grupo que existia na época.

A atmosfera retratada dentro do jornal estava carregada de censura, mesmo que o autor não a descreva exatamente assim, tudo é muito fácil de ser entendido,

retratando como se encontrava o país. Valadares é um personagem que passa um ar de certa agonia, podemos dizer. Ele tem praticamente duas faces: uma de um chefe intransigente, autossuficiente e mal educado, e a outra de um homem submisso e respeitoso, quando se dirige ao diretor, Máximo Redondo, e ao coronel da polícia.

No lado oposto à Valadares, encontra-se Torres, funcionário da redação responsável pelas notícias das Províncias. Torres é um jornalista que defende a verdade e não consegue aceitar a ideia de um jornal ser manipulado pelo governo, e passar pela censura. Isso mostra durante aquele período, “o papel que a mídia e certos jornais tiveram para manter a popularidade e o medo do regime” (BATISTA, 2017, p.14), papel o qual é reforçado por Valadares em uma de suas discussões com Torres “Já viu missão mais responsável que a do jornalista?” (SARAMAGO, 1998, p. 140).

Ao longo da peça, Torres se aproxima de Cláudia, a estagiária e fala sobre uma questão que perdura até os dias de hoje dentro do jornalismo: a imparcialidade. Valadares continua a bater na tecla que um jornalista é imparcial, e de certa maneira essa visão

continua até os dias de hoje, muitas pessoas ainda acreditam na neutralidade dos meios de comunicação e notícias, quando na verdade é impossível o jornalismo ser isento, uma vez que a escolha de palavras para escrever o título da reportagem já sugere um “lado” ou um apoio.

No decorrer da história, também fica evidente que a redação se divide em um grupo que retém o poder e é contra divulgar as informações sobre a revolução, e outro dos que têm menos voz e por isso quer que tudo seja divulgado e a verdade apareça, e se cria uma atmosfera como se os grupos fossem o Grupo de Torres e o Grupo de Valadares, o último por sua vez, compactuando com o regime salazarista.

Agora, fazendo uma comparação com as redações atualmente, se essa situação acontecesse creio que, diferentemente da redação retratada em “A noite”, primeiramente, não iria existir a possibilidade de entregar o jornal sem falar da revolução que está acontecendo, como foi cogitado pelas personagens - em especial pelo diretor e por Valadares -, já que dentro da profissão minutos são valiosos quando se tem um furo de notícia

ou algum evento importante que vá acontecer ou que esteja acontecendo, como é o caso da peça.

Além dessa questão, na época em que se passam as cenas não existia um fator que modificou muito o jornalismo: a internet. É muito mais fácil se ter acesso à informação com o uso dela e principalmente, das redes sociais, uma vez que esse fenômeno possibilitou a abertura da esfera pública e da ação jornalística (o debate público), que antes era uma particularidade da imprensa ou dos grandes meios de comunicação.

Essa facilidade atual se dá pelo fato de que não existe apenas a internet ou as redes sociais, os aparelhos celulares e até mesmo equipamentos mais profissionais de um trabalho jornalístico estão muito mais avançados e fáceis de se manusearem. Não consigo enxergar atualmente em uma redação, uma discussão para ver qual repórter iria às ruas. Certamente alguém poderia ir, mas também seriam buscadas informações através de pessoas que possam ter postado sobre o que aconteceu ou comentado algo relacionado ao evento em alguma rede social.

A rapidez da notícia e o fato de ser muito fácil conseguir achar e compartilhar informações atualmente acaba tornando quase impossível o fato descrito em “A noite”, a notícia, seja do lado censurado ou apoiador do regime, ou do lado revolucionário estaria circulando de alguma maneira pelas redes sociais ou por aplicativos de conversa.

Muito provavelmente, algumas cenas ainda se repetem como o chefe da redação por muitas vezes ser intransigente com os jornalistas, e até mesmo criando um ambiente tóxico, como pode ser visto no caso da Vogue Brasil, divulgado à algumas semanas. Mesmo que essa não seja a problemática principal abordada no livro, é um problema que existiu e ainda persiste dentro de grandes redações.

Entretanto, tudo o que se diz a publicação do jornal está muito diferente, por exemplo, o grupo que apoiou Torres de certa maneira, não existe mais na sua forma no livro: o grupo da tipografia. Mesmo em jornais impressos, não há mais funcionalidade para um datilógrafo, os designers responsáveis fazem tudo em computadores e imaginando que se recusassem a



MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

diagramar o jornal, ainda assim existe a opção dos sites e portais online para divulgar a notícia.

Agora, porém, surge um novo desafio para o jornalismo: conseguir passar a verdade e a credibilidade, defendida por Torres e pela estagiária Cláudia, que durante o livro afirma e passa um ar de decepção: “vim tão contente ao jornalismo” (SARAMAGO, 1998, p 130), mesmo tendo que lidar com muitas notícias falsas e com muitas pessoas espalhando informações pelas redes sociais, se Saramago reescrevesse esse conto agora, retratando uma revolução, o maior desafio não seria a imparcialidade, mas sim, mostrar a credibilidade do seu veículo para o público.

## **REFERÊNCIAS**

AMORIM, Isabelle Regina de Mesquita. “A NOITE”, DE JOSÉ SARAMAGO: uma revisitação da História pelo viés da ficção dramática. Revista Memento: Revista do Mestrado em Letras da Linguagem, Cultura e Discurso.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

"A NOITE" foi a primeira peça de teatro escrita por José Saramago. Programa Querida Julia. 2013. (15m47s). Disponível em Acesso em: 06 set. 2020.

BATISTA, Carolina Lopes. Os cravos d'A noite: teatro, política e ideologia em José Saramago. 2017.

FELITTI, Chico. Ex-funcionários relatam rotina de assédio e humilhações na Vogue Brasil. 2020. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2020.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro. 2003. p. 213. Disponível em: Acesso em: 08 set. 2020.

NICOLETTI, Janara. A normatização do uso de redes sociais por jornalistas. Dissertação (Pós-Graduação em Jornalismo) - UFSC. Santa Catarina, p. 67 - 75. 2012. Disponível em: Acesso em: 08 set. 2020.

RODAS, Manuel. Análise crítica do livro "A noite" de José Saramago. 2016. Disponível em: Acesso em: 07 set. 2020.

SARAMAGO, José. Que farei com este livro?: A noite. Lisboa: Companhia das Letras, 1998.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

## **O lado do sem lado**

Barbara Cavalcanti de Andrade

Os plantões de sexta-feira à noite na redação são os mais difíceis de serem estipulados. Sempre um bate-boca para saber quem vai perder a cervejinha no boteco ao lado para cobrir as notícias. A lavagem de roupa suja sempre acontece na primeira quinta-feira do mês e nunca acaba bem. Nunca. Surpreendentemente, semana passada não tivemos nenhum problema e eu fui a pessoa que pegou mais sextas no mês. Acho que eu deveria ter brigado mais.

A minha primeira sexta estava completamente normal. Durante o expediente, nada de novo além dos do chefe de redação no telefone com alguma autoridade sempre na maior intimidade:

- Miranda? Boa noite. Tudo bem? O que está achando do alcance nas nossas comunicações? Já temos 85 comentários! Ótimo resultado. Sim, mudo essa frase sim. Ah, tudo bem, corto essa parte também!

É um ponto alto do meu dia observar o Valadares no telefone, pois sua postura de submissão com o governo é totalmente contraposta dentro da redação, ele sempre está todo esbaforido e querendo dar ordens aqui dentro, um tal de “quem manda nessa redação sou eu” que ninguém aguenta.

Os tempos estão polarizados e a postura que adotamos dentro da redação não conversa de forma constante entre os integrantes do time. Valadares já entrou em vários embates com repórteres que não concordavam com ele, como o Jerônimo. O pior, no entanto, é que o diretor do jornal, Máximo Redondo, também adota a postura de Valadares e os dois compactuam com as políticas ditatoriais, em que a liberdade de expressão é totalmente violada com censura.

Mesmo com toda a tensão que estávamos vivendo naquelas semanas, eu fazia meu trabalho normalmente. Minha função era fazer os posts para mídias sociais na área de entreterimento do jornal. Basicamente, eu posto informações de shows, concertos, movimentos cults, tópicos que estão sendo comentados e também auxilio na administração desses perfis do jornal.

Então, para a minha função, toda a confusão que Valadares estava causando não me atingia até essa sexta-feira passada.

Torres é o jornalista que cuida de política. Digamos que ele é o principal defensor de causas sociais no momento. O que acontece é que o nosso jornal está sofrendo influências diretas ditatoriais. Obviamente, toda essa submissão incomodou Torres. E muito. Na última sexta, ele explodiu:

- O dono do dinheiro é sempre o dono do poder! Só bombardeamos o leitor com publicações que convém aos donos do dinheiro desse jornal.

A maioria das pessoas estava meio tensa, sem saber muito o que fazer com o clima que estava surgindo. Cláudia, estagiária que senta do meu lado, não saía do celular e estava indignada com a nossa pequena cobertura dos últimos acontecimentos do dia. Não dei muita importância e ela foi chorar suas mágoas com Torres. Os dois ficaram praticamente o fim da tarde conversando e trocando angústias pela situação atual até que os dois vieram à minha mesa e mostraram que tropas estavam

sendo deslocadas por todo o país. Aquilo foi chocante para mim.

Torres e Claudia estavam arquitetando o plano de o jornalista sair e ver o que estava acontecendo nas ruas. Claudia o acobertaria na redação e eu ainda não sabia exatamente o que eu deveria fazer naquele momento. Então, eu só continuei no canto, mas ainda atento ao que se desenrolaria. Enquanto via Valadares não saber o que fazer, ele veemente ratificava:

- Defendo a neutralidade da imprensa, não sou comprometido com o poder.

Não dá para negar que o chefe de redação estava perdido. Se ele estava, eu não me sentia na obrigação de fazer qualquer post, ou qualquer movimentação nas redes sociais do jornal que pudessem causar algum tipo de represália da nossa audiência, que já estava bem chateada com as recentes postagens do jornal. Assim fiquei por algumas horas enquanto o expediente normal não acabava e o plantão não começava.

O diretor do jornal estava atônito, não sabia o que fazer. Ele já havia ido embora e voltado. Ia de um lado para o outro. Passou por mim e ficou se indagando:

- A primeira coisa que eu tenho que fazer é tirar meu artigo que seria publicado no site.

No momento em que ele começou a se posicionar dessa forma, toda a redação decidiu não ir embora para casa e ficar. Essa decisão de ficar seria para a cobertura do que estava acontecendo, “ficar” ali era estar dentro do que estava acontecendo, nem que fosse ir para as ruas captar imagens e depoimentos.

Eu estava tentando não me envolver com toda a confusão. Afinal, ali dentro da redação, eu não estava em posição de liderança, mas também não estava em uma posição ruim. O que importa, em toda essa situação, não era a minha percepção do todo e o que eu achava, e sim como a redação, como um todo, iria reagir ao que estava acontecendo nas ruas. Se fosse por Máximo Redondo, não iríamos ter veiculação naquele dia, o que aborreceu a todos, principalmente os pauteiros, freelas e jornalistas mais júniores.

Com os ânimos ainda mais aflorados, depois de alguns minutos, toda a redação se voltou contra a chefia e queriam de qualquer jeito ir para as ruas. Jerônimo, é claro, foi um dos mais ofendidos com a postura de



Valadares e do diretor. Ele começou basicamente uma pequena revolução no jornal:

- Seu Diretor, se o senhor tivesse a certeza de que o golpe seria dos seus interesses, já tinha mandado todos os jornalistas para a rua, já estariam preparando as matérias. Se realmente te interessasse, os jornalistas teriam sido avisados com antecedência, para que o jornal fizesse uma boa cobertura.

Ainda não havia chegado a um ponto que me faria ir às ruas. Eu estava observando de longe e via as redes sociais explodirem na minha frente. Todos estavam cobrando posicionamento do jornal em tempo real pelos comentários e mandavam mensagens no direct reclamando que estávamos calados. No auge dos meus 30 e poucos anos, não me via aflito como os jovens da redação, eles estavam fora de si com a reação da diretoria.

Cumpriram a promessa e Torres foi às ruas. Ele chegou logo depois com a notícia de que as tropas saíram às ruas para derrubar o governo. Era o momento de liberarmos a nota, lançarmos a bomba, falarmos sobre o assunto. Comecei a me agitar com isso, afinal, agora estávamos finalmente entendendo o que estava

acontecendo e a mini revolução dentro do jornal já poderia unir forças para um caminho semelhante. Não obstante, não foi novidade que Valadares e Máximo ficaram reticentes no momento de falar qualquer coisa contra, afinal, o diretor mantinha laços estreitos com governantes nos últimos meses e isso estava influenciando diretamente no dia a dia da redação.

Eu vi os dois indo para uma sala e ficarem atônitos. Mãos na cabeça, andando de um lado para o outro, o diretor precisava de um caminho e ele achava que Valadares seria a pessoa que faria isso. Quando os dois saíram, começaram a discutir com todos funcionários sobre o que faríamos com a notícia. Foram vários os argumentos para irmos às ruas todos juntos e apurarmos o que aconteceu de verdade, nós precisávamos da veracidade ao nosso lado.

Para Máximo e Valadares, a ideia era publicar uma nota bem curta, não muito explicativa, muito menos informativa, do que estava acontecendo. Segundo ele, iríamos unir mais informações para uma segunda nota, que seria mais robusta.

Para ser sincero, eu não acreditei que essa segunda nota sairia. Parecia um plano para conseguirem sair da situação que estava a redação. Torres, obviamente, não concordou em nada com o que estava acontecendo e, junto com alguns estagiários estudantes, se rebelou contra as decisões dos mandantes. Foi uma noite de horror. Nunca havia visto nada daquele tipo, ameaças de demissão, dedos na cara, gritos. Eu continuei observando, mas algo em mim estava bem incomodado e então comecei a defender que averiguássemos mais ainda o que estava acontecendo.

Acabou por se confirmar que as tropas estavam cercando jornais e governantes. Não entendíamos o que estava por vir, mas já sentíamos que o governo cairia e isso me trouxe uma paz de espírito que eu não esperava sentir. Torres fez uma nota e se impôs para publicar no site. Máximo queria olhar antes a nota e, com toda a certeza, ele iria cortar ou impedir a publicação. O poder do diretor acabou naquele momento em que ele não pôde se impor. Ele ficou sem forças, sem governo.

Jerônimo e Torres começaram a andar pela redação felizes e a onda de suas auras foi contagiando a

todos. De repente, estavam levantados e unidos, como um grupo de operários prontos para a greve. De certa forma, eu senti que aquilo fazia sentido para mim. Eu sabia que não havia sido o mais determinante e que minha postura foi neutra, mas havia algo naquelas pessoas, que me emocionou.

Neste momento, meu celular não parava de tocar, as pessoas me perguntavam desesperadamente o que estava acontecendo. Outros jornais também não estavam entendendo exatamente o que estava acontecendo, apenas tinham uma ideia, uma esperança. Eu não consegui responder a todos, mas respondi a meu esposo que algo maior estava acontecendo e que, talvez, finalmente não teríamos medo da censura e do conservadorismo que afetava nossa liberdade diária.

O grupo de Torres continuou andando e as pessoas foram o seguindo. O diretor estava enclausurado em uma sala fazendo telefonemas para governistas, tentando salvar sua própria pele, na esperança de encontrar uma saída. Valadares e alguns poucos ainda tentavam nos parar, impedir o caminho:

- Parem! Parem!

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

Nós continuamos andando. Alguns grupos ainda estavam na dúvida se entravam naquele grupo ou não:

- E se o movimento parar? E se parar?

Algo em mim tinha certeza que iríamos continuar andando. Eu conseguia sentir a força em nossas falas. E assim...continuamos:

- Continuaremos a andar!

## **Referências**

SARAMAGO, José. A noite. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

AMORIM-MESQUITA, Isabelle Regina de. “A noite”, de José Saramago: uma revisitação da história pelo viés da ficção dramática. Revista Memento: Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura. Betim, v. 2, n. 2, ago./dez. 2011.

MENDONÇA, Fernando. "Recensão crítica a 'A Noite', de José Saramago". Colóquio/Letras.Lisboa, n. 58, p. 85, nov. 1980.

## **Parem as Threads das Redes Sociais!**

**Pedro Ezequiel Barros dos Santos  
Carvalho**

Dependendo da idade de quem desliza os olhos nessas letras, dá para entender o que a expressão “parem as rotativas” quer dizer. Mas, para quem já nasceu no mundo permeado pelos meios digitais, pouco se saberá. Rotativas, a grosso modo, são -- ou eram? -- máquinas que auxiliavam nas gigantescas impressões de jornais. Quando dita na oração, era sinal de algo inesperado e capaz de mudar o curso da notícia. Ou pará-la.

Hoje dificilmente se para uma notícia como na peça “A Noite”, de José Saramago. Nela, o ditado não mais popular se encontra em seu berço: um jornal que quase não deu um fato histórico. Temos um chefe de redação que segue o cabresto de um diretor que, na capa da isenção, se cobre e se tira da reta da responsabilidade. E tudo isso, com uma revolução acontecendo.

Era abril de 1974. Noite da Revolução dos Cravos, que derrubou o governo de Antônio Vieira de

Salazar e seu regime inspirado nos ventos fascistas que sopraram da Itália ainda nos anos 20. Menor que a síntese do evento era a vontade do jornal retratado por Saramago para apurar as informações e, no dia seguinte, levar a notícia ao leitor. O diretor só não parou as rotativas porque os tipógrafos fizeram sua revolução interna, parando-as como forma de protesto para poder rodá-las.

E “levar”, ali em cima, significa levar mesmo. Jornais eram impressos e lidos nas bancas ou entregues nas casas. O que não há de diferente é uma linha editorial que priorize não dar a narrativa como ela é, tal qual o jornal de Saramago. O alto escalão, composto pelo diretor e pelo chefe de redação, não queria mandar seus redatores irem apurar a notícia da revolução prestes a nascer -- que chegou à redação por uma fonte.

*VALADARES: (Gritando) Não me faça perder a cabeça! Já lhe aturei demasiado! (Domina-se com dificuldade, vira-se para os tipógrafos.) Vamos com calma. Voltem para dentro, que eu já os chamo. Vou ver o caso, informar-me, mandar gente para a rua. É preciso ter a certeza, estas coisas não se fazem levianamente, do pé para a mão. Isto é um jornal responsável, não é nenhuma folha de couve...*

*(SARAMAGO; José, Que Farei Com este Livro?: A Noite, 1998, p. 136, Companhia das Letras)*

Aqui, há dois pontos. O primeiro é o conflito de interesse na sutil postura dos jornalistas em pouco se esforçar para buscar a confirmação e narrar. O jornal tinha ligações com o governo de Salazar e a queda dele significaria perda de apoio. No Brasil, segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o acesso à informação é um direito que não pode ser impedido por nenhum interesse, tanto como é um dever do veículo noticiar (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, 2020).

Mas claro que como os irmãos da “terrinhã” em seus tempos de ditadura, uma redação hoje poderia não noticiar plenamente o fato. A linha editorial define o tom. E o que é dito. Um exemplo foi as manifestações de maio de 2020 no Brasil. Simpatizantes do presidente Jair Bolsonaro se aglomeraram em frente ao Palácio do Planalto, e com a presença do presidente, gritaram palavras de ordem contra o Congresso Nacional, pediram o fechamento do Supremo Tribunal Federal e um golpe



MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

militar -- mesmo que seja considerado crime de responsabilidade um presidente atentar contra o livre direito dos poderes da democracia (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, Artigo 85). As emissoras Globo e Record definiram os atos como “antidemocráticos” e “reunião de simpatizantes de Bolsonaro”, respectivamente (STYCER; Maurício, 2020).

Ainda dentro do nosso exemplo e traçando paralelo com Saramago, existe uma divisão dentro da estrutura de um jornal -- seja impresso, televisivo ou um portal na internet -- que garante a independência da cobertura com a posição da empresa, defendida por Henry Luce, um dos fundadores da revista Time. Os jornalistas, que apuram e dão o tom crítico, são a Igreja, enquanto a área comercial cuida da parte administrativa, simbolizando o Estado (BUCCI; Eugênio, 2010). Em “A Noite”, o administrador intervém na discussão de ir atrás da revolução ou não. O Estado, aparentemente, se embola com a Igreja no som das máquinas de escrever e da produção da tipografia.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

*ADMINISTRADOR: Como administrador, não tenho competência para interferir na linha política do jornal. Em todo o caso, a análise parece-me muito correcta. (Tom descuidado, para Valadares.) De resto, o senhor director e eu viemos a falar nisto pelo caminho...*

*DIRECTOR: (Embaraçado e com irritação mal disfarçada.) Claro, claro, conversámos... Eu expus a minha ideia...*

*(SARAMAGO; José, Que Farei Com este Livro?: A Noite, 1998, p. 147-148, Companhia das Letras)*

No exemplo à brasileira, Edir Macedo, proprietário da Record e da Igreja Universal do Reino de Deus, tem ligações com o presidente: o apoiou nas eleições de 2018 (ESTADÃO CONTEÚDO, 2018), já o abençoou em um culto religioso (SOPRANA; Paula, 2019, Folha de São Paulo) e teve Carlos e Flávio Bolsonaro filiados ao partido do bispo (MELLO; Igor 2020, UOL). A Igreja e o Estado se namoram mais uma vez. E sem o barulho das máquinas.

Voltemos ao segundo ponto: hoje, a notícia sairia de qualquer maneira. As discussões e implicações da ética viriam depois, sob julgamento do público e de

colunistas que se asseguram em papel de ombudsman. As redes sociais, muito provavelmente, seriam a fonte que levaria a informação até a redação. O furo jornalístico é pouco praticado em um mundo conectado por uma rede mundial de computadores com sites pulsando notícias, bem como se acompanha o que outros veículos de outros locais estão publicando. Há medidores de repercussão dentro do Facebook, por exemplo, com a plataforma “CrowdTangle”.

A realidade brindou com o exemplo recente do Mali, país africano que viu seus soldados prenderem o presidente, Ibrahim Boubacar Keita, e o primeiro-ministro, Boubou Cissé, e assumirem o poder. Tudo em um dia. A notícia saiu pelo mundo, que também viu e repercutiu. Sem rotativas, tudo com fotos e informações de agências na internet.

Um outro exemplo foi a explosão em Beirute, capital do Líbano. O portal UOL, por exemplo, montou sua notícia a partir de relatos no Twitter que serviram de conteúdo para a construção da narrativa do fato que aconteceu (UOL, 2020). O fato, ainda em constituição no imaginário das pessoas, já chegou com uma velocidade

maior que um breaking news. Coube aos jornais interpretarem. E não houve diretor capaz de parar a tipografia de dar forma a notícia.

Hoje, a redação provavelmente ficaria em polvorosa com a notícia de uma revolução envolvendo os militares. A preocupação para apurar corretamente antes de publicar ainda se faria necessária. Os empecilhos de uma posição política como dos personagens de “A Noite” ficaria limitada a escolha de palavras -- que, além da construção de um enunciado, levaria a uma visão do evento no seu jogo de linguagem de acordo com contexto cultural e histórico (WITTGENSTEIN, 1953).

E fugindo da estrutura de um veículo, jornalistas poderiam exercer o mesmo papel do redator Torres e irem buscar a informação e descrevê-la nas vielas das redes sociais. Lucas Rohan é um jornalista que atua independente na sua rede social. Ele utiliza linguagens jornalísticas misturadas a própria da rede, como quando noticia algo usando “URGENTE” antecedido de um emoji em formato de círculo vermelho. Da mesma forma, o espaço poderia ser usado para jornalistas analisarem o fato independente da publicação ou não do portal --

exemplo de Guga Chacra e seu perfil no Twitter e, ainda, nas colunas no jornal O Globo..

Seja uma redação de uma pessoa só ou um grande veículo, as redes sociais são sintomas para a notícia. Seja na chegada ou impacto da repercussão. Por mais alinhado politicamente com uma pauta, o veículo ou profissional não deixaria de cobrir o acontecimento. Caso fizesse, seu público questionaria o porquê do não. Haveria uma quebra do esperado entre o público interagindo com o jornal, composto por pessoas. A postura de não falar, ou esconder parte do fato, revela um comportamento que vai comunicar algo (GOFFMAN; Erving, 2008). Caberá ao público a recepção desse não-dito.

A notícia não pode ser parada. Não mais pelos meios que eram convencionais na mídia impressa. As redes sociais possibilitam que a notícia chegue sem o intermediário do jornalista, mas convém uma relação de confiança para a interpretação. Seja nos modelos de hard news das redações de portais ou nas threads do Twitter, a informação vai sendo veiculada e acrescentada com mais contextos conforme eles são divulgados e apurados.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

Uma revolução não passaria batido, nem teria os empecilhos do diretor, do administrador e do chefe de redação -- talvez só eufemismos na manchete. Os fios das redes sociais aumentariam. E não há ditado popular e nem hierarquia jornalística capaz de pará-los.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em 08/09/2020.

BUCCI, Eugênio. **“Igreja”, “Estado” e certas circunstâncias**. Revista da ESPM, vol 17, ano 16, edição n.5, 2010, p. 26-37. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/igreja-estado-e-certas-circunstancias/>>. Acesso em: 08 set. 2020.

ESTADÃO CONTEÚDO. **Edir Macedo declara apoio a Bolsonaro**. 2018. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/09/30/edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 08 set. 2020.

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

**G1. Presidente e primeiro-ministro do Mali são presos em motim militar.** 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/18/militares-fazem-motim-no-mali-e-prendem-presidente-dizem-agencias.ghtml>>. Acesso em: 08 set. 2020.

GOFFMAN, Erving. **A representação do EU na vida cotidiana.** Tradução de Maria Celia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

MELLO, Igor. Flávio e Carlos Bolsonaro se filiam a partido ligado à Igreja Universal. 2020, UOL. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/27/flavio-e-carlos-bolsonaro-se-filiama-partido-ligado-a-igreja-universal.htm>>. Acesso em: 08 set. 2020.

SARAMAGO; José. **Que Farei Com este Livro?: A Noite.** 1998. Companhia das Letras

SENADO FEDERAL. **Constituição Federal Brasileira.** 1988. Disponível em <[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_07.05.2020/art\\_85\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2020/art_85_.asp)>. Acesso em: 08 set. 2020.

SOPRANA, Paula. **Bolsonaro é abençoado no Templo de Salomão, e Edir Macedo fala em 'inferno da mídia'.** 2019, Folha de São Paulo. Disponível em

MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/bolsonaro-e-abençoado-por-edir-macedo-em-culto-com-10-mil-fieis-em-sp.shtml>>. Acesso em: 08 set. 2020.

STYCER, Maurício. **Globo: "manifestação antidemocrática"; Record: "encontro com apoiadores"**. 2020, UOL. Disponível em <https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/mauricio-stycer/2020/05/03/globo-manifestacao-antidemocratica-record-encontro-com-apoiadores.htm>

UOL. **Explosão em Beirute deixa dezenas de mortos e milhares de pessoas feridas**. 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/08/04/explosao-porto-beirute-libano.htm>>. Acesso em: 08 set. 2020.

UOL. **Presidente do Mali renuncia e dissolve parlamento após sofrer golpe militar**. 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/08/18/presidente-do-mali-renuncia-e-dissolve-parlamento-apos-sofrer-golpe-militar.htm>>. Acesso em: 08 set. 2020.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. 1953. <<http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/InvestigacoesFilosoficas-Original.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2020.